

· FONTES MARISTAS, N.1 ·

Documento Bourdin

SOBRE AS ORIGENS DO
INSTITUTO MARISTA

EDIÇÃO CRÍTICA AOS CUIDADOS DO IRMÃO ANDRE LANFREY



· FONTES MARISTAS, N.1 ·

Documento Bourdin

SOBRE AS ORIGENS DO INSTITUTO MARISTA

EDIÇÃO CRÍTICA AOS CUIDADOS DO IRMÃO ANDRE LANFREY



2021

Expediente:**Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS)***Superior Provincial*

Irmão Benê Oliveira

Diretor Executivo

June Allison Westarb Cruz

Diretor de Identidade, Missão e Vocação

José Leão da Cunha

Diretor Memorial Marista

Dyogenes Philippsen Araujo

Colaboradores*Edição e revisão*

Angelo Ricordi

João Luis Fedel Gonçalves

Tradução

Lafayette Megale

Diagramação

Eneo Lage

Lara Pessôa

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI-PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

Lanfrey, Andre
L268d Documento Bourdin : sobre as origens do Instituto Marista : edição crítica aos cuidados do Irmão Andre Lanfrey / Andre Lanfrey ; editores: Angelo Ricordi, João Luis Fedel Gonçalves ; tradutor: Lafayette Megale. Curitiba:

2021 Memorial Marista, 2021. – (Fontes Maristas ; n.1)
49 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografias

ISBN: 978-65-87802-61-9 (e-book)

1. Irmãos Maristas - História. 2. Irmãos Maristas - Documentos e correspondência.
3. Bourdin, Jean-Antoine, 1803-1883. I. Ricordi, Angelo.
II. Gonçalves, João Luis Fedel. III. Título. IV. Série.

21-080

CDD 20. ed. – 271.7909



PT - Por gentileza, ao receber esse livro, digitalize o **QR Code**. Se for do seu interesse, você também poderá avaliar a obra. Obrigado.

EN - When you receive this book, please, scan the **QR Code**. If it is of your interest you can also evaluate this work. Thank you.

ES - Por gentileza, al recibir este libro, escanea el **QR Code**. Si es de su interés usted también podrá evaluar esta obra. Gracias.

FR - Lorsque vous recevez ce livre, scannez le **QR Code**. Si cela vous intéresse, vous pouvez également évaluer ce travail. Merci.



Introdução

Primeiro relato histórico das origens dos Irmãos Maristas, de 1830

A história de nossas origens está basicamente no texto da *Vida do Padre Champagnat* publicada em 1856. Essa obra foi particularmente elucidada por fontes como as *Origines Maristes* (1960-67), as *Cartas de Marcelino Champagnat* (2019) e *Origines des Frères Maristes* (2011). Entre essas fontes relativamente numerosas, há um documento de maior densidade ainda muito pouco conhecido devido a sua leitura difícil: as *Anotações Bourdin* (OM, v. 2, doc. 754) escritas em 1830.

Um Padre Marista formado em l’Hermitage

Jean-Antoine Bourdin (1803-1883), futuro Padre Marista, é ainda um diácono apenas quando chega a l’Hermitage no verão de 1828. Será ordenado sacerdote só em 20 de dezembro de 1828. Exercerá a função de diretor dos estudos dos noviços. Deixará l’Hermitage indo para Belley no final do ano de 1831 (OM, v. 4, p. 203). É nesses anos em l’Hermitage que ele prepara uma história das origens da Sociedade de Maria que parece nunca ter sido escrita e da qual sobrou um esboço em que ele reuniu recordações do Padre Champagnat e de outros Irmãos antigos, principalmente do Irmão Louis, sobre Lavalla e l’Hermitage. Esse documento é parte de OM, v. 2, doc. 754, com um prefácio muito importante que nos leva a pensar que se trata da principal peça de um conjunto de três cadernos incompletos e de algumas folhas soltas.

Irmão Avit cita esse documento nos *Annales de l’Institut* (1829, § 106-108). Ele pensa que Padre Bourdin havia redigido um manuscrito volumoso sobre os primeiros anos do Instituto dos Irmãos Maristas. Em 1885, após sua morte na casa de seu irmão, em Chasselay, Padre Poupinel teria vasculhado o quarto dele e deixado tudo em desordem depois de três dias de investigação. Irmão Eubert, mandado pelos superiores, teria em seguida recolhido alguns documentos aleatórios a respeito de l’Hermitage. Segundo Irmão Avit, o manuscrito do Padre Bourdin havia sido rasgado e a maior parte havia desaparecido, “provavelmente tudo o que se referia a fatos e gestos dos Padres em l’Hermitage”. Esta hipótese é vista com muita prudência pelos autores de OM uma vez que Irmão Avit frequentemente era levado a relatar boatos sem a suficiente crítica.

Quanto às próprias *Anotações Bourdin*, elas são extremamente complexas por seu estilo elíptico, mas também porque têm a aparência de um catálogo de informações provenientes de fontes diversas e tudo numa cronologia muito aproximada. Como OM sugerem, sua principal fonte é o Padre Champagnat, seja quando expõe diálogos, seja

quando relata fatos que só podem ter nele a origem. Penso que Irmão Louis, discípulo de primeira hora que conviveu com Padre Bourdin em l’Hermitage, é igualmente uma importante testemunha. Outros Irmãos certamente complementaram com informações que não conseguimos identificar.

Trata-se, portanto, de um testemunho excepcional sobre a tradição oral do ramo dos Irmãos, que mistura as recordações de personagens-chave com outras mais triviais ou episódicas, num quadro cronológico aproximado, apesar de ser possivelmente o mais consistente que possuímos. Irmão Jean-Baptiste talvez tenha conhecido esse documento ou pelo menos tenha recolhido informações do Padre Bourdin.

Quatro temas

O exame atento do texto coloca em evidência quatro temas:

- 1) as origens em Lavalla e as primeiras escolas (1817-1820);
- 2) a história do Irmão Jean-Marie de 1818 até sua dispensa, em 1826;
- 3) os ataques dos quais a obra foi alvo (1819-1822). Eles estão na lógica da cronologia da 1ª parte: primeiro, uma acusação junto ao Padre Bochart por reuniões ilícitas; depois, a de manter um colégio clandestino; e afinal, o relacionamento confuso com o Padre Bochart, que pretendia incorporar a obra de Marcelino Champagnat em seu projeto dos Irmãos da Cruz de Jesus. Essa narrativa termina com a entrevista com dom De Pins.
- 4) a construção de l’Hermitage e o início da obra dos Padres Maristas.

Na continuação de cada um desses temas, Padre Bourdin anexou informações colhidas daqui e dali que acabam obscurecendo um pouco o plano detalhado acima. Além de tudo, o estilo telegráfico com frequência torna difícil a interpretação, mesmo para um falante do francês. Por isso é que optei por propor uma “tradução” à moda das edições bilíngues, apresentando de um lado o texto original, e do outro sua tradução num francês atual, priorizando o significado do documento em vez da fidelidade literal¹. As numerosas notas não dispensam a referência às que se estão contidas em OM, v. 2, doc. 754.

¹ Para esta edição em português, manteve-se o documento original em francês, com a tradução na coluna ao lado.



Figura 1 - Foto do padre Jean-Antoine Bourdin

As Anotações Bourdin (OM2/754)

[1] A Lavalla. —Branche prévue depuis longtemps par Mr. Champagnat, puis confiée à lui au grand séminaire -commencé 1817. —1er. dimanche d’octobre frère Jean Marie —bien sage —à l’église ah! si —vint chercher pour un malade à la rive —là il fit connaissance.

[2] Acheté une maison à son curé pour ne pas le fâcher, pour y mettre un instituteur —il ne veut pas, crainte de ne pas rester, car 10 ans là curé.... P. Champagnat ne lui communique pas tout, il veut éprouver la chose, ayant sa mission...

[3] M. le Curé ne voulant acheter, le Père la veut; le marchand l’a vendue; il va trouver le fils à qui elle est vendue; celui-ci ne veut pas; le père veut parce que son fils l’abandonne parce que 2 contrats... Quand le Curé le sut, veut faire dédire... Toussaint [?]. poussa à bout [.]. —P. Champagnat: “Ma qualité de prêtre ne m’empêche pas de... Vous pouvez ne pas me vouloir vicaire... mais pour habiter une maison —tant qu’à Lavalla j’en jouirez, quand loin vous alors...” Puis il aidait, argent donné.

[1] Em Lavalla. — Ramo previsto havia muito tempo pelo Padre Champagnat, depois confiado a ele no seminário maior, iniciado em 1817. — No 1º domingo de outubro, o Irmão Jean-Marie — bem-comportado — na igreja, ah! sim — foi pedir assistência para um doente de Rive. Lá se conheceram.

[2] Compra de uma casa para seu pároco sem desagradá-lo, a fim de lá colocar um professor — ele não quer, com receio de não permanecer, porque 10 anos lá pároco... O Padre Champagnat não lhe conta tudo, ele quer experimentar a coisa, tendo sua missão...

[3] Enquanto o pároco não queria comprar, o Padre queria; o proprietário a vendeu; ele vai encontrar-se com o filho a quem ela fora vendida; este não a quer; o pai quer porque seu filho o abandona por isso 2 contratos... Quando o pároco sabe, tenta desfazer o negócio... Dia de Todos os Santos (?)... muita irritação [.]. — Padre Champagnat: “Minha condição de sacerdote não me impede de... Você pode não me querer como coadjutor... mas para morar numa casa — enquanto em Lavalla eu ficarei nela, então longe de você...” Depois ele colaborou dando dinheiro.

[4] Maître d'école à lui dévoué, joueur, ivrogne. Le frère Jean Marie réunit 2 petits pauvres, parents contents; tout le monde veut donner les siens; le frère ne s'appelait pas frère... Le Curé veut le maître ivrogne. Le P. Champagnat défend au frère de recevoir extérieur, (peut instruit, mais fort sage), mais d'adresser au curé... —"Vous êtes la cause que ce maître est sur le pavé..." —"Allons à l'école, et si c'est moi qui les y met, vous les mettez dehors; si vous, vous ne pouvez vous mettre en contradiction"... Le maître quitte... le terrain, on en est maître...

[5] La lère. année, il y a 3 frères... Acheté 1 bicher [bichet] de pommes de terre, pauvres mangent, enfants, autant à la fin qu'avant.

[6] Ce qui nécessitait la hâte de l'oeuvre: enfant malade au pied du Pilat, nécessité de moyen... Sort un instant chez le voisin, rentre mort, réflexion: "que d'enfants hors de la voie du salut.. si instruit, sait se repentir, sait..."

[7] Resta 9½ ans vicaire —tout le temps travaillé à l'oeuvre; Marlies, St. Sauveur, 8 établissements et 9 avec Lavalla.

[8] Chantre meurt jeune..."Il faut un homme tel que vous me l'avez dépeint." On avait deux f.d.f...[?]

[9] Pauvreté: "vous venez ici: cette maison est pas à nous, mais regardez la comme non à nous; car Besace; là momentanément, si changé de vicariat, être prêt à tout...frères dévoués, sacrifice fait, la grâce.

[4] Professor de escola a ele entregue, jogador e bebedor. Irmão Jean-Marie reúne dois meninos pobres, pais contentes; todos querem entregar os seus; o Irmão não se dava o nome de Irmão... O pároco quer o professor bebedor. Padre Champagnat proíbe o Irmão de receber exterior (pouco instruído, mas muito prudente), mas comunicar-se com o pároco... "Você é a causa desse professor ficar sem teto..." — "Vamos até a escola, e se for eu que os coloco lá, você os despede; se for você, não poderá se contradizer"... O professor abandona ... o terreno... a gente torna-se professor...

[5] No primeiro ano, há 3 Irmãos... É comprado um saco de batatas; os pobres comem, crianças, tanto no final como no início.

[6] O que apressou a obra: criança doente na encosta do Pilat, necessidade de recurso... Tendo saído um instante para ir ao vizinho, na volta encontra-o morto, reflexão: "quantas crianças longe do caminho da salvação... quando instruído, sabe arrepender-se, sabe..."

[7] Permaneceu 9½ anos vigário —trabalhando na obra todo o tempo; Marlies, Saint-Sauveur, 8 estabelecimentos e 9 com Lavalla.

[8] O cantor morre jovem... "É preciso um homem tal como você me descreveu." Havia dois f.d.f... [?]

[9] Pobreza: "Você vem para cá: esta casa é nossa, mas considere-a como (não) nossa; porque "a tralha de vocês"; aqui por enquanto; se for trocado de vicariado, estar preparado para tudo... Irmãos dedicados, sacrifício feito, a graça.

[10] Règles données, à laquelle on ajoutait toutes les années.

[11] On envoie à Marlhès pour l’hiver; l’un sait lire, l’autre vix... Le Curé dit: “Ce sont des saints...” Mr. Collon de Caste, de St. Sauveur, vient trouver le P. Champagnat... — “Donnez moi 2 sujets comme ceux du Curé de Marlhès, le Curé (point sine quo) les demande: En fabrique-t-il toujours?”... Le Curé de Marlhès les appelait frères... On les promet... On les conduit à la Toussaint. On appelait les Frères de Marlhès et non de Lavalla, car le Curé de Lavalla... Mr. Collon, octogénaire, en fut très content... P. Collon: “Il faut mettre dans votre règle: que jamais frères ne mange(nt) chez le Curé”. Ensuite un ex frère de l’école chrétienne les forme à la discipline.

[12] Frère Jean Marie, militaire, reste pour former les novices. — Bourg-Argental en demande: frère Jean Marie est envoyé; veut imiter St. Louis de Gonzague... Toute la paroisse l’admire; cependant lui exercé seulement à clous, piocher — il est donc avec 3 frères - on leur a monté un mobilié [mobilier], cadeaux, il donne jusqu’à ses habits aux malheureux. Ce but [?] n’était pas défendu ailleurs, car ils allaient visiter les malades, les disposer, c’est pourquoi il part avec les mêmes dispositions dès le point du jour à l’église.

[10] Regras estabelecidas, todos os anos algo lhes era acrescentado.

[11] São mandados para Marlhès no inverno; um sabe ler, o outro tem dificuldade... O pároco diz: “São uns santos...” Padre Collon de Caste, de Saint-Sauveur, procura Padre Champagnat... — “Dê-me duas pessoas como as do pároco de Marlhès”, o pároco (sem admitir recusa) os solicita: “Sempre se fabricam iguais?”... O pároco de Marlhès lhes dava o nome de Irmãos... São prometidos... Chegam no Dia de Todos os Santos. Eram chamados Irmãos de Marlhès e não de Lavalla, porque o pároco de Lavalla... Sr. Collon, octogenário, ficou muito contente com isso... Padre Collon: “É preciso colocar na sua regra: que os Irmãos nunca coma(m) na casa do pároco”. Em seguida, um ex-irmão da Escola Cristã os forma na disciplina.

[12] Irmão Jean-Marie, militar, fica encarregado de formar os noviços. — Bourg-Argental pede Irmãos; é enviado Irmão Jean-Marie; quer imitar São Luís Gonzaga... Toda a paróquia o admira; mas ele treinado só para fazer pregos, capinar — ele está lá com 3 Irmãos — foi-lhes dada a mobília, presentes, e ele dá até suas roupas para os desprovidos. Essa atitude [?] não era proibida em outros lugares, porque eles iam visitar os doentes, tratar deles, é por isso que ele vai com a mesma disposição para a igreja logo que amanhece.

[13] Prend idée d’aller à la Trapes [Trappe], il prévient le P. Champagnat conseillé de son directeur, il part. -”Mais vous ne resterez pas”. Frère Louis, maître de novices, le remplace, plus instruit, ni prit pas autant. Le frère Jean Marie resta un mois (Mr. Basson, excellent homme, conseillait, aidait le P. Champagnat). Le F. Jean Marie revient: prie de le recevoir. Le P. Champagnat: “Je vous ai vu partir avec peine, je vous revoie avec plaisir: vous avez cru la Société pas assez sainte, trouver tous des saints ailleurs.” —”Eh! oui...”

[14] Veut faire une cellule, forge dedans... Les Frères arrivent en vacances, demandent où est le Frère Jean Marie, on leur défend de le voir pour ne pas le fatiguer. —”Ah! Ne me laissez plus maître car le démon...” —”Eh! bien, c’est là que je vous voulais voir arriver. Alors partez à St. Symphorien le Château, à Charlieu...”; ne veut pas, il est renvoyé.

[15] Chapelle tantôt d’un côté tantôt de l’autre avec réserve; office, prière.

[16] A cette époque [?] la lettre de Mr. Bochart adressée à Mr. Rebost [Rebod], qui n’osait par la manifester, consultait comment la faire —on voulait l’interdire.- “Nous n’ignorons pas les réunions illégitimes [...]”; la chose va si loin quelle [qu’elle] tend à l’interdire. — [Le] P. Champagnat priait continuellement: “Mon Dieu, faites qu’elle [...] si elle n’est pas de vous!...”

[13] Entrega-se à ideia de entrar para a Trapa; avisa o Padre Champagnat a conselho de seu diretor e parte. “Mas você não ficará”. Irmão Louis, mestre de noviços, o substitui, mais instruído, não deu continuidade. Irmão Jean-Marie ficou um mês (Padre Basson, excelente pessoa, aconselhava e ajudava o Padre Champagnat). Irmão Jean-Marie retorna; pede para ser recebido. Padre Champagnat: “Eu vi você partir sofrendo; revejo-o com prazer: você julgava que a Sociedade não era santa o bastante, procurar santos em outro lugar.” — “É! Sim...”

[14] Quer fazer uma cela, com uma forja... Os Irmãos voltam das férias, perguntam pelo Irmão Jean-Marie, são proibidos de vê-lo para não cansá-lo. — “Ah! Não me deixe mais como mestre porque o demônio...” — “Tudo bem, é aí que queria vê-lo chegar. Então, vá para Saint-Symphorien-le-Château, em Charlieu...”; ele não aceita; é dispensado.

[15] Capela ora de um lado, ora de outro com reserva; ofício, oração.

[16] Naquela época [?] a carta do Padre Bochart dirigida ao Padre Rebost [Rebod], que não ousava mostrá-la, consultava como fazê-lo — queriam interdita-lo. “Nós estamos a par das reuniões ilegítimas [...]”; a coisa vai tão longe que ela tende a interdita-lo. — Padre Champagnat rezava continuamente: “Meu Deus, fazei que ela [...] se ela não for vossa!...”

[17] La quête forte non vendue mais distribuée,... pauvres nourris, vêtus, instruits... tout gratis —pauvres recherchés. —”La lettre de Mr. Bochart... loin de m’inquiéter, me fait plaisir. Si filles, serait délicat. Je suis calomnié auprès du grand vicaire... Depuis la lecture, je sens une insistance plus que jamais;... j’en référerai à Mr. Bochart”.

[18] C’était à Pâques, ne pouvait pas quitter. —Mr. Journoux écrit: “Le comité de bienfaisance chargé des écoles, oeuvres, laïques admis, s’est réuni, a conclu que serait dénoncé à l’université, non... mais à l’archevêché... —brûle[z] ma lettre”.

[19] Mr. Cattelin [Cathelin], supérieur de St. Chamond, croyait qu’il voulait faire tomber son collègue naissant... Le P. Champagnat enseignait, il est vrai, un peu à quelques uns du latin: il abandonne cette partie...

20] La lettre de Mr. Journoux inquiète: les frères sont réunis, instruits de tout pour le départ, supérieur nommé parmi les frères Jean Marie. Curé de St. Pierre, Mr. Rebost, tout conspirait contre...

[21] Ecrit à Mr. Courbon d’après le conseil de Mrs Journoux et Derbiz. —Un cas de conscience pour prétexte: “puisqu’il semble que la Providence... fallait-il aller au fond du Bugey”... Veut mettre sa maison en vente, inconvenient, Pâques, conflit, réclamations. —”En écrire à Mr. Bochart”, répond Mr. Courbon.

[17] A coleta grande não vendida, mas distribuída..., pobres alimentados, vestidos, instruídos... tudo gratuitamente — pobres procurados. — “A carta do Padre Bochart... longe de me preocupar, me alegra. Se moças, seria delicado. Fui caluniado pelo vigário geral... Depois da leitura, sinto uma insistência maior do que nunca... vou me dirigir ao Padre Bochart”.

[18] Era Páscoa, eu não podia sair. — Padre Journoux escreve: “O comité assistencial encarregado das escolas, obras, leigos admitidos, reuniu-se e concluiu que seria denunciado à universidade, não... mas ao arcebispo... — queime(m) minha carta”.

[19] Padre Cathelin, superior de Saint-Chamond, julgava que ele queria fazer fracassar seu colégio nascente... Padre Champagnat ensinava, é verdade, um pouco de latim a alguns; ele abandona essa parte...

[20] A carta do Padre Journoux preocupa: os Irmãos são reunidos e informados de tudo para a partida, superior nomeado entre os Irmãos, Jean-Marie. O pároco de Saint-Pierre, Padre Rebod, tudo conspirava contra...

[21] Ele escreve ao Padre Courbon seguindo o conselho dos Padres Journoux e Durbise. — Um caso de consciência como pretexto: “desde que parece que a Providência... era preciso ir ao extremo do Bugey”... Quer pôr sua casa à venda, inconveniente, Páscoa, conflito, reclamações. — “Escrever sobre isso ao Padre Bochart”, responde Padre Courbon.

[22] Le P. Champagnat avait déjà écrit à Mr. Bochart et lui avait promis de se rendre auprès de lui pour s'expliquer de vive voix. Avant ce voyage, il va auprès de Mr. Dervieux: —"Ah! vous voilà, nous nous occupons de vous..." —"Je viens pour... vous savez". —"Je ne sais rien. Point de conseil à..." On le consultait pour la maison qu'on allait mettre en vente... —"Ah! je suis étonné que Mr. Courbon ne vous ai écrit que cela".

[23] —"Mr. Courbon, me voilà, affaires arrangées, disposez... Si je pars Lavalla n'en sera pas remuée —laissez moi 5 ou 6 semaines pour aller au séminaire repasser ma théologie." —"Je ne puis pas vous changer." —"Je ne vous demande pas un changement, mais si vous le vouliez... ce serait à propos maintenant..." —"Alors je retournerai à Lavalla." —"Avez-vous vu Mr. Bochart?"

[24] Mr. Bochart le voit entrer, le fait asseoir... Le frère Jean Marie le suit a longe. —"Vous avez des frères d'ici, de là et point prévenu". —"C'est vrai, mais timidité... 3 fois le voyage pour, mais jamais osé..." Explications de plus avantageuses protection promise.

[25] Mr. le Curé de Chavanay arrive avec son neveu, demande des frères: —"Point sans en avoir parlé à Mr. Bochart; rien sans Bochart." Tout contribua merveilleusement. La retraite pastorale arrive, où Mr. Champagnat accueilliment par Mr. Bochart. Celui-ci tend à réunir les frères aux siens; Mr. Gardette conseille de tirer en longueur.

[22] Padre Champagnat já havia escrito para o Padre Bochart e lhe prometera ir até ele para dar explicações pessoalmente. Antes dessa viagem, ele vai até o Padre Dervieux: — "Ah! Que bom que veio, nós nos preocupamos com você..." — "Vim para... você sabe". — "Não sei de nada. Nenhum conselho a..." A consulta era sobre a casa que ia ser posta à venda... — "Ah! Eu me surpreendo que o Padre Courbon tenha escrito para você só isso".

[23] "Padre Courbon, aqui estou, tudo resolvido, disponha... Se eu partir, Lavalla não sairá do lugar — dê-me 5 ou 6 semanas para ir ao seminário rever minha teologia." — "Eu não posso mudar você." — "Não estou pedindo uma mudança, mas se você quisesse... este seria o momento..." — "Então, voltarei para Lavalla." — "Você se encontrou com o Padre Bochart?"

[24] O Padre Bochart o vê entrar, pede que se sente... Irmão Jean-Marie fica a seu lado. — "Você tem Irmãos aqui e ali, e não (me) preveniu". — "É verdade, mas a timidez... 3 vezes a viagem para, mas nunca ousei..." Promessas de vantagens após as explicações dadas.

[25] O pároco de Chavanay chega com seu sobrinho e pede Irmãos: — "Não sem antes ter conversado sobre isso com o Padre Bochart; nada sem Bochart." Tudo correu maravilhosamente. Chega o retiro pastoral, no qual Padre Champagnat acolhimento pelo Padre Bochart. Este tende a reunir os Irmãos aos seus; Padre Gardette aconselha manter distância.

[26] L'affaire ne put aller loin car Monseigneur de Pins arriva à la Noël. Quand il vint, le P. Champagnat fit 2 lettres, une pour lui et 1 pour Mr. Gardette. La 1ère générale, la 2ème pour que Mr. Gardette explique. — «Si vous voyez que ma lettre ne mérite pas les regards de Sa Grandeur, brûlez-la». Que fit Mr. Gardette; il fit lire la sienne; il promet dans l'une d'aller renouveler entre ses mains son solennelle promitto.

[27] Monseigneur écrivit, le fait venir... veut le nommer curé à Lavalla; il refuse à cause de l'oeuvre et d'empêcher le bruit de supplanter. Monseigneur, Mr. Barou avec, le reçoit, lui présente son anneau, lui demande mille renseignements. Mr. Cholleton, présente, connaissait un peu, appuyait en faveur.

[28] Il avait pensé, du temps de Mr. Bochar, faire un petit oratoire, être tout à son oeuvre; — «Non, mon Dieu! je serais trop heureux!». Il a fait plus, et pas heureux.

[29] Mr. [Seyve] Sève aidait l'oeuvre.

[30] Costume: frères d'un endroit habillés d'une lévite bleue, close. Prise d'habit dans la maison; le Curé venait [guetter] guêter; Voeu de chasteté, consulté comme confesseur, point de la maison.

[26] O assunto não conseguiu avançar porque dom De Pins chegou no Natal. Quando ele veio, Padre Champagnat fez duas cartas, uma para ele e outra para o Padre Gardette. A primeira, geral; a segunda para que o Padre Gardette explique. — “Se você julgar que minha carta não merece ser lida por Sua Excelência, queime-a”. O que fez o Padre Gardette? Ele deu para ler a sua; ele promete em uma delas ir renovar o solene “prometo” entre suas mãos.

[27] O bispo escreveu, mandou que viesse... quer nomeá-lo pároco em Lavalla; ele recusa devido à obra e para impedir os boatos de suplanter. O bispo, junto com o Padre Barou, o recebe, apresenta-lhe o anel, pede mil informações. Padre Cholleton, presente, conhecia um pouco, e dá um apoio favorável.

[28] Havia pensado, no período do Padre Bochar, fazer um pequeno oratório, dedicar-se totalmente a sua obra; — “Não, meu Deus! Eu seria feliz demais!” Ele realizou muito mais e não estava feliz.

[29] Padre Seyve colaborava na obra.

[30] Hábito: Irmãos teriam um casaco azul, fechado. Tomada de hábito na casa; o pároco ia “vigiar”; voto de castidade, consultado como confessor, não da casa.

[31] Demande à Monseigneur d'acheter ici, il permet. La place (description, avantages du lieu pour l'oeuvre des prêtres...) — "Eh! votre oeuvre des prêtres, comment la laissez-vous", dit Mr. Barou. — "Hélas! tous séparés. Ah! Mr. Courveille?" — "On vous le donnerait". On le donne (à Rive-de-Gier) retard de Mr. Courveille — puis arrive Mr. Terraillon — le 1er arrive à Lavalla; il avait acheté de commun l'Hermitage avec le P. Champagnat. L'archevêché prête 8000 francs.

[32] La construction de l'Hermitage: tous les frères y descendirent — la chapelle dans le bois — tous les maçons assistaient à la messe — un tomba dans la rivière. Une messe en action de grâce — profitait de tout — un an après tombe malade. Mr. Courveille partit — lettre de Mr. Terraillon.

[33] Mr. Courveille brouille les affaires de St. Symphorien; il voulait renvoyer les Frères, le P. Champagnat va avec un Frère à St. Symphorien.

[34] Règle — registre des voeux, changement d'habits.

[35] Ce mauvais jeune homme, crucifix jeté à ses pieds chassé; enfants: idée effacée de leur esprit.

[36] Mr. Rouchon vient les voir avec les siens; ils visitent leur séjour... — leur élégance ne fait qu'augmenter.

[31] Pede ao bispo para comprar aqui, é autorizado. O local (descrição, vantagens do lugar para a obra dos padres...) "Oi! sua obra dos padres, como a deixará?", perguntou Padre Barou. — "Infelizmente, todos separados. Ah! Padre Courveille?" — "Nós o cederíamos a você. A gente o entrega (a Rive-de-Gier) atraso do Padre Courveille — depois chega o Padre Terraillon — Courveille é o primeiro a chegar em Lavalla; ele havia comprado l'Hermitage em sociedade com o Padre Champagnat. O arcebispo empresta 8000 francos.

[32] A construção de l'Hermitage: todos os Irmãos se dirigiram para lá — a capela no bosque — todos os pedreiros assistiam à missa — um deles caiu no rio. Uma missa em ação de graças — aproveitava tudo — um ano depois cai doente. O Padre Courveille partiu — carta do Padre Terraillon.

[33] Padre Courveille atrapalha os negócios de Saint-Symphorien; ele queria devolver os Irmãos, Padre Champagnat vai com um Irmão a Saint Symphorien.

[34] Regra — registro dos votos, mudança de hábito.

[35] Aquele jovem mau elemento, crucifixo jogado a seus pés expulso; crianças: ideia apagada de sua lembrança.

[36] Padre Rouchon vem vê-los com os dele; visitam a residência... — a elegância deles só aumenta.



Figura 2 - Gravura da Casa de La Valla – primeira sede do Instituto dos Irmãos Maristas

1. INTERPRETAÇÃO

Texto original	Interpretação
JMJ	Jesus, Maria, José
	1. Origens em Lavalla e primeiras escolas (1816-1818)
<p>[1] Em Lavalla. — Ramo previsto havia muito tempo pelo Padre Champagnat, depois confiado a ele no seminário² maior, iniciado em 1817. No 1º domingo de outubro, o Irmão Jean-Marie — um rapaz bem-comportado — na igreja, ah! sim — foi pedir assistência para um doente de Rive.³ Então, ele e o Padre Champagnat se conheceram.</p>	<p>[1] Em Lavalla, fundação de um ramo dos Irmãos previsto havia muito tempo por Marcelino Champagnat. Esse projeto lhe fora confiado desde o seminário maior pelos aspirantes maristas. Sua realização teve início em 1817. No primeiro domingo de outubro de 1816 Marcelino Champagnat observa um jovem de atitude respeitosa na igreja; ele se tornará o Irmão Jean-Marie. Como, pouco mais tarde, ele vai procurá-lo para dar assistência a um doente no lugarejo La Rive, eles passam a conhecer-se.</p>
<p>[2] Compra de uma casa para seu pároco sem desagradá-lo, a fim de lá colocar um professor.</p>	<p>[2] Champagnat quer que o pároco compre uma casa. Para não o desagradar, ele diz que é para instalar nela um professor.</p>
<p>— ele não quer, com receio de não permanecer, porque depois de 10 anos lá como pároco⁴...</p>	<p>O pároco não concorda, porque ele pensa em não permanecer como pároco em Lavalla por 10 anos.</p>
<p>O Padre Champagnat não lhe conta tudo, ele quer fazer primeiro uma experiência, tendo em vista sua missão⁵...</p>	<p>O Padre Champagnat não lhe revela suas verdadeiras intenções: ele tem consciência de uma missão a ser cumprida, mas quer dispor de tempo para ver como poderá realizá-la.</p>

2 Assim, em 1830, o início do ramo dos Irmãos já está situado em 1817.

3 Aldeia no limite da paróquia, às margens do Gier.

4 Vide OM2/754, nota 4. Em 1817, o Padre Rebod já tinha completado cinco anos como pároco (fora nomeado em 5 de fevereiro de 1812. Espera ser nomeado para outra paróquia.

5 Certamente um testemunho muito revelador de Champagnat sobre seu estado de espírito na época: não revelar seu projeto e começar com prudência.

[3] Como o pároco não queria comprar, o Padre queria; o proprietário a vendeu; ele vai se encontrar com o filho a quem ela fora vendida; o pai quer porque seu filho o abandona; daí dois contratos... Quando o pároco sabe, tenta desfazer o negócio⁶... Dia de Todos os Santos⁷ (?)... muita irritação [.] — Padre Champagnat: “Minha condição de sacerdote não me impede de... Você pode não me querer como coadjutor... mas para morar numa casa — enquanto estiver em Lavalla eu ficarei nela, longe de você então⁸...” Em seguida, ele colaborou, dando dinheiro⁹.

[3] Parece haver duas narrativas diferentes sobre o mesmo assunto:

1ª narrativa: Como o pároco recusa a aquisição da casa, Marcelino Champagnat a compra de um negociante que a vende porque ele se julga abandonado pelo filho. O pároco vai ter com o filho pedindo que ele recuse a transação. Por isso é que haverá dois contratos de venda sucessivos.

2ª narrativa: Quando o pároco fica sabendo da venda, intervém junto ao vendedor para que anule o contrato. O litígio se dá na época do Dia de Todos os Santos (1817). O pároco faz de tudo para que a venda fracasse. O Padre Champagnat responde ao pároco que ameaça de fazê-lo ser transferido: “Minha qualidade de sacerdote não me impede de fazer uma compra. Pode não me querer como coadjutor, mas enquanto eu estiver em Lavalla, farei uso dessa casa. Quando estiver fora daqui, veremos”. No final, o pároco participa financeiramente na compra da casa.

6 Essa história complexa é narrada pelas OM doc. 567 (Venda em 1º de outubro de 1817) e 58 (nova escritura em 26 de abril de 1818. Aparentemente há desacordo entre o pai Bonnaire e seu filho. O pároco interveio para impedir a venda.

7 A primeira venda ocorreu em 1º de outubro de 1817, um mês antes do Dia de Todos os Santos.

8 Testemunho do Padre Champagnat relatando uma conversa entre o pároco e seu coadjutor, este reivindicando seu direito de comprar uma casa sem o consentimento de seu pároco, provavelmente em resposta a uma ameaça de fazê-lo transferir.

9 Esta frase parece querer dizer que o pároco acabou cedendo e participou na aquisição da casa.

[4] Professor na escola que lhe fora entregue, jogador e beberão.¹⁰ O Irmão Jean-Marie reúne dois meninos pobres, deixando os pais contentes; todos querem entregar os seus; o Irmão não se dava o nome de Irmão¹¹... O pároco quero professor beberão. O Padre Champagnat proíbe o Irmão de receber pessoas de fora (pouco instruído, mas muito prudente), mas comunicar-se com o pároco¹²... “Você é a causa pela qual esse professor ficou desabrigado...” — “Vamos até a escola, e se for eu que os coloco lá, você os despede; se for você, não poderá se contradizer”... O professor abandona ... o campo. A gente se torna professor¹³...

[5] No primeiro ano, há 3 Irmãos... Compra de um saco de batata; os pobres comem, crianças, tanto no final como no início.¹⁴

[4] O professor, amigo do pároco, é jogador e beberão. O Irmão Jean-Marie acolhe duas crianças pobres e essa iniciativa agrada aos pais. Vários pais querem que seus filhos também sejam beneficiados. O Irmão não levava o título de Irmão por não ser professor. O pároco mantém o professor beberão. O Padre Champagnat proíbe o Irmão Jean-Marie (ou outros Irmãos) de receber um aspirante pouco instruído mas muito recomendado. É preciso antes obter autorização do pároco. Este acusa Marcelino Champagnat de provocar a ruína do professor que ficara sem alunos. Champagnat convida o pároco para ir à escola dos Irmãos verificar se lá há alunos sem sua autorização, para dispensá-los. Se isso não for verdade, que ele se cale! No final, o professor se retira. Os Irmãos assumem o trabalho.

[5] No primeiro ano escolar (1817-18) há três Irmãos. Eles compram um saco (*bichet*)¹⁵ de batatas para alimentar as crianças pobres. Eles comparecem não apenas no inverno, mas também durante o restante do ano escolar.

10 Essa personagem representa o papel tradicional dos professores do Antigo Regime que são mais ou menos domésticos dos párocos e exercem múltiplas funções.

11 A recepção de crianças em Lavalla partiria, então, de uma iniciativa de Jean-Marie Granjon, o que é compreensível porque não pode ir contra a vontade de seu pároco. Não é uma escola, mas um tipo de centro de caridade. A expressão “o irmão não era chamado de irmão” parece querer dizer que não é dado a Granjon o título de “irmão” designando normalmente o professor.

12 Esse irmão exterior muito prudente poderia ser Antoine Couturier. Como ele pertence à paróquia, precisa da autorização do pároco que finalmente a concede.

13 Segunda desavença entre o pároco e Champagnat. Parece que o professor parte durante o ano de 1818. Desse modo, no dia de Todos os Santos de 1818, o Irmão J.-M. Granjon é o único professor na escola de Lavalla.

14 Testemunho provavelmente dado pelo Irmão Louis. Ele sugere que os Irmãos receberam crianças pobres no inverno 1817-1818 e mesmo depois.

15 “Bichet” é uma medida antiga de volume usada para grãos e produtos secos. Seu peso ia de 11 a 27 quilos.

[6] O que apressou a obra: criança doente na encosta do Pilat, necessidade de recurso... Tendo saído um instante para ir ao vizinho, na volta encontra-o morto, reflexão: “quantas crianças longe do caminho da salvação... quando instruído, sabe arrepender-se, sabe¹⁶...”

[6] Por que apressar a obra? Champagnat se encontrou com uma criança doente no sopé do Pilat. Ensina-lhe as “necessidades de meios”, isto é, os conhecimentos do catecismo elementar considerados como necessários para se confessar e ser salvo. Depois, vai por um instante até o vizinho. De volta, o jovem está morto. Daí, sua reflexão: quantas crianças se encontram longe do caminho da salvação! Se fossem instruídos, saberiam arrepender-se, saberiam (confessar-se?)

[7] Permaneceu como coadjutor¹⁷ por 9 anos e meio — trabalhando na obra o tempo todo; Marlhès, Saint-Sauveur, 8 estabelecimentos, 9 com Lavalla.¹⁸

[7] Marcelino Champagnat ficou como coadjutor por 9 anos e meio. Trabalha incessantemente na obra dos Irmãos. Fundou escolas em Marlhès, Saint-Sauveur-en-Rue... 8 estabelecimentos, 9 com Lavalla.

Complemento sobre assuntos particulares

[8] O cantor morre jovem... “É necessário um homem como o que você me descreveu”. Dispunham de dois f. d. f.¹⁹

[8] O cantor da paróquia de Lavalla falece jovem. O pároco diz a Champagnat: “É preciso um homem como o que você me descreveu (Irmão Jean-Marie Granjon?).” Ele era duplamente Irmão (como cantor e como professor).

16 Testemunho extremamente precioso, certamente de Champagnat. Observe que se trata de uma criança e não de um jovem, e no sopé do Pilat.

17 Champagnat é coadjutor de agosto de 1816 a novembro de 1824, ou seja, um pouco mais de 8 anos.

18 É claramente a conclusão de uma primeira narrativa.

19 Esse parágrafo sugere que o professor não era cantor e que, depois de sua morte, por sugestão de Champagnat, o pároco nomearia Jean-Marie Granjon para essa função. Isso justificaria a fórmula misteriosa “dois f. de f.”, isto é, duas pessoas com o título de “irmão” uma vez que exerceriam funções de auxiliar clerical. Além disso, essa nomeação de Granjon explicaria que ele vá à aldeia e que comece a ocupar-se das crianças com o consentimento da população que considera como normal o fato de um cantor ser também professor-catequista.

[9] Pobreza: vocês moram aqui: esta casa é nossa (não), mas considerem-na como se não o fosse: porque sua “tralha”, momentaneamente lá; se eu mudar de vicariato, temos de estar prontos para qualquer coisa... Irmãos dedicados, feito o sacrifício, a graça.²⁰

[10] Regras estabelecidas, todos os anos algo lhes era acrescentado.

[9] Pobreza: Champagnat adverte seus dois discípulos de 1817: “A casa na qual vocês estão é nossa. Mas ela poderia não ser mais do que um lugar provisório de moradia porque eu poderia ser enviado a outra localidade para minhas funções vicariais. Vocês estão dispostos a tudo, mesmo a pegar suas coisas, como pobres, para me seguir?

Os Irmãos, movidos pela graça divina, estão prontos para fazer esse sacrifício.

[10] Quanto às regras estabelecidas desde a origem, eles as aperfeiçoavam ano após ano.

2. Sequência da narrativa sobre as origens

[11] São mandados para Marlhes no inverno; um sabe ler, o outro tem dificuldade... O pároco diz: “São uns santos...” Sr. Colomb de Gaste²¹, de Saint-Sauveur procura o Padre Champagnat... — “Dê-me duas pessoas como as do pároco de Marlhes”,

[11] São mandados Irmãos para dar aulas em Marlhes no inverno (1818-1819). Um sabe ler, o outro apenas interpreta (?). O pároco Alliot diz que eles são uns santos. Colomb de Gaste procura pelo Padre Champagnat para solicitar duas pessoas parecidas com as do pároco de Marlhes. Este os considerava como professores que dependiam apenas de sua autoridade.

20 Testemunho provável do Irmão Louis. Ele está ligado à negociação da casa comprada por Champagnat, que o pároco ameaçara transferir para outro posto. (vide § 3).

21 Colomb de Gaste, prefeito de Saint-Sauveur-en-Rue;

...o pároco (que não admitia recusa) os solicita: Sempre se fabricam iguais?... O pároco de Marlhès dava o nome de Irmãos²²... São prometidos... Chegam no Dia de Todos os Santos.²³ Eram chamados Irmãos de Marlhès e não de Lavalla, porque o pároco de Lavalla... Sr. Colomb,²⁴ octogenário, ficou muito contente com isso²⁵...

... o pároco de Saint-Sauveur (os Irmãos só são enviados quando solicitados pelo pároco) pede Irmãos: “O Padre Champagnat continua a formá-los?” Eles são prometidos e chegam no Dia de Todos os Santos (1820). Esses Irmãos eram chamados de “Irmãos de Marlhès” e não de Irmãos de Lavalla. Colomb de Gaste, octogenário, ficou muito contente com os Irmãos que vieram de Lavalla.

Anedotas complementares

Padre Colomb²⁶: “É preciso colocar na sua regra: que os Irmãos nunca comam na casa do pároco”.

O Padre, provavelmente filho de Colomb de Gaste (1799-1883) e que é padre diocesano, recomenda que seja colocado na regra que nunca um Irmão poderia fazer refeições na casa do pároco.

Em seguida, um ex-irmão da Escola Cristã os forma na disciplina.²⁷

Em seguida, um ex-Irmão das Escolas Cristãs²⁸ forma os Irmãos no método simultâneo.

22 Marcelino Champagnat é considerado pelo Padre Alliot como um simples formador de professores e não como Fundador de uma sociedade de Irmãos.

23 Seu diretor é o Irmão Jean-François (Etienne Rouméty).

24 Esse não é o prefeito de Saint-Sauveur, mas seu pai.

25 Narrativa que mistura duas fundações: Marlhès em 1818-19 e Saint-Sauveur em 1820. Enfatiza a importância do pároco de Marlhès na evolução da obra, mas sugere também que ele considera os Irmãos como dele, o que talvez seja a principal razão do fechamento da escola de Marlhès. Os múltiplos testemunhos tornam a narrativa pouco compreensível.

26 Vide OM2/754, nota 2, p. 746 e referência biográfica em OM4 pp. 246-247. É ele quem atrairá o Irmão Jean-François para fundar um orfanato em Larajasse em 1826.

27 É evidentemente o jovem Maisonneuve que trabalha na aldeia de Lavalla a partir de 1819. Até essa data, os Irmãos deviam ensinar essencialmente o catecismo no método individual. Ao criar um tipo de escola normal, Champagnat arrisca ser visto como um fundador de um colégio clandestino, além de dar um curso de latim.

28 Ele não foi um Irmão das Escolas Cristãs, mas foi iniciado — não sabemos em que medida — no método deles.

Narrativa a respeito do Irmão Jean-Marie Granjon

[12] O Irmão Jean-Marie, militar,²⁹ fica encarregado de formar os noviços.³⁰

— Bourg-Argental pede Irmãos; é mandado³¹ a eles o Irmão Jean-Marie, que quer imitar São Luís Gonzaga³²... Toda a paróquia o admira; mas ele foi treinado só para fazer pregos, capinar³³ — ele está lá com 3 Irmãos³⁴ — eles receberam³⁵ a mobília, presentes, e ele dá até suas roupas para os desprovidos. Essa atitude, aliás, não era proibida, eles iam visitar os doentes, tratar deles³⁶, é por isso que ele vai para a igreja³⁷ logo que amanhece com a mesma disposição.

[12] O Irmão Jean-Marie, antigo soldado, fica em Lavalla para formar os noviços.

— A cidade de Bourg-Argental pede Irmãos e é mandado o Irmão Jean-Marie. Ele quer imitar São Luís Gonzaga... toda a paróquia o admira, apesar de ele saber apenas fabricar pregos e trabalhar no campo. Ele fica no comando de uma comunidade de 3 Irmãos. Forneceram-lhes mobília que ele distribui para os pobres, chegando a lhes dar seus próprios hábitos. Esse objetivo caritativo, aliás, não era proibido porque os Irmãos de Lavalla iam pessoalmente visitar os doentes, prepará-los para receber os sacramentos. Ele aplica, então, em Bourg-Argental os costumes de Lavalla. Ele vai para a igreja logo ao amanhecer.

29 OM1/75 § 5: O inspetor Guillard detalha que ele fora granadeiro da Guarda Imperial. No documento, esse detalhe dado pelo Padre Bourdin parece antes depreciativo.

30 A palavra “noviço” deve ser tomada no sentido amplo. Ele é encarregado dos jovens em formação e certamente também da direção geral da casa.

31 No início de 1822.

32 Granjon não parece ser especificamente um imitador de São Luís Gonzaga. É antes o Irmão Louis, muito mais jovem, que tem uma devoção a esse padroeiro da juventude. Daí vem o seu nome religioso.

33 Esse testemunho faz alusão à situação de J.-M. Granjon depois de seu retorno de Aiguebelle. Psicologicamente muito abalado, ele consegue ocupar-se apenas de trabalhos manuais.

34 Eles são três.

35 Tudo lhes foi doado.

36 Esse é também o estilo de apostolado dos Irmãos em Lavalla.

37 Ele imita Saint-François Régis. O Irmão Jean-Baptiste e o inspetor Guillard (OM1/75) falam de sua piedade ostentosa.

[13] Entrega-se à ideia de entrar para a Trapa, avisa o Padre Champagnat a conselho de seu diretor e parte. “Mas você não ficará”. O Irmão Louis³⁸, mestre de noviços, o substituiu; mais instruído, não deu continuidade ao que ele fazia³⁹. O Irmão Jean-Marie ficou um mês. O Irmão Jean-Marie retorna; pede para ser recebido. O Padre Champagnat: “Eu o vi partir sofrendo; revejo você com prazer: você julgava que a Sociedade não era santa o bastante, e foi procurar santos em outro lugar⁴⁰.” — “Sim, foi isso...”

[13] Aconselhado por seu diretor espiritual, ele decide ir para a Trapa de Aiguebelle e parte depois de ter avisado o Padre Champagnat que lhe prediz que ele não ficaria lá. O Irmão Louis, que o substituiu em Lavalla como mestre de noviços, vai a Bourg-Argental para assumir o lugar dele. Apesar de mais instruído que o Irmão Jean-Marie, ele não é tão bem aceito pela opinião pública. O Irmão Jean-Marie fica um mês na Trapa. Ao voltar, ele é bem acolhido pelo Padre Champagnat: “Eu o vi partir sofrendo; eu o revejo com prazer”. As causas dessa fuga são claras: a sociedade dos Irmãos não lhe parecia santa o bastante, mas ele conseguiu dar-se conta de que não seria fácil sentir-se melhor fora dela.

Complemento à narrativa

O Padre Basson, excelente pessoa, aconselhava, ajudava o Padre Champagnat⁴¹.

O Padre Basson, excelente pessoa, aconselhava e ajudava o Padre Champagnat.

38 Palavras de Champagnat. Podemos nos perguntar se essa decisão não está ligada à recepção dos postulantes da Haute-Loire em março de 1822.

39 O Irmão Louis não atinge o mesmo sucesso.

40 Os postulantes da Haute-Loire?

41 De acordo com recenseamento de 1815, é o único burguês de Lavalla. O Irmão Jean-Baptiste refere-se a ele na *Vie*.

Continuação do relato sobre o Irmão Jean-Marie Granjon⁴²

[14] Quer fazer uma cela, com uma forja⁴³... Os Irmãos voltam das férias, perguntam pelo Irmão Jean-Marie, são proibidos de vê-lo para não cansá-lo. “Ah! Não me deixe mais como mestre porque o demônio...” — Tudo bem, é aí que queria vê-lo chegar. Então, vá para Saint-Symphorien-le-Château,⁴⁴ em Charlieu...”; ele não aceita; é dispensado.⁴⁵

[14] Em l’Hermitage, mas talvez já em Lavalla, o Irmão Jean-Marie constrói uma cela na qual ele forja pregos... Os Irmãos que chegavam de férias perguntam por ele. Mas eles são proibidos de ir vê-lo para não fatigá-lo. Finalmente, o Irmão Jean-Marie, julgando ter sido um juguete do demônio, suplica ao Padre Champagnat para reintegrá-lo na comunidade. Satisfeito por vê-lo retornar a melhores sentimentos, o Padre o manda dirigir um novo estabelecimento, em Saint-Symphorien-le-Château.⁴⁶ Mais tarde, quando tentará mandá-lo para Charlieu, ele recusará e será dispensado.

Observação anedótica sem cronologia Precisa

[15] Capela ora de um lado, ora de outro com reserva; ofício, oração.

[15] A capela de Lavalla estava um dia de um lado e outro dia, de outro lado. Ela continha o sacrário com hóstias consagradas. Era nela que se rezava o ofício e que as orações eram recitadas.

42 Esse relato mistura dois períodos: o primeiro, depois de seu retorno da Trapa (1822-23) para Lavalla e, em seguida, o período de suas excentricidades em l’Hermitage após sua volta de Saint-Symphorien.

43 Tudo se dá bem mais tarde: em 1825 ou 1826.

44 Essa conversa deveria situar-se no retorno da Trapa porque o Irmão Jean-Marie será diretor em Saint-Symphorien em 1823-24 (Conf. Carta de Champagnat, n. 1)

45 O Padre Courveille e o Irmão Louis fundam o estabelecimento de Charlieu em 1824. Poderíamos julgar que em 1824 o Irmão Jean-Marie tenha recusado ir para Charlieu e que o Irmão Louis o tenha substituído. Em todo caso, depois de um ano em Saint-Symphorien (1823-24) ele é chamado de volta a l’Hermitage. O Irmão Jean-Baptiste diz simplesmente que a dispensa do Irmão Jean-Marie tem como causa a desordem que ele causou em l’Hermitage (*Vida*, cap. XIV, p. 142).

46 Em 1823-24. Em 1824-26 ele permanece em l’Hermitage.

Retomada do histórico da sociedade interrompido pela história do Irmão Jean-Marie (§§ 12-14)

[16] Naquela época [?] ⁴⁷ a carta do Padre Bochard dirigida ao Padre Rebod, ⁴⁸ que não ousava mostrá-la, consultava como fazê-lo ⁴⁹ — queriam interdita-lo. “Nós estamos a par das reuniões ilegítimas [...]”; a coisa vai tão longe que ele tende a interdita-lo ⁵⁰.

— O Padre Champagnat rezava sem parar: “Meu Deus, fazei com que ela [...] se ela não for vossa! ⁵¹...”

[16] Na época em que as primeiras escolas foram fundadas, o Padre Bochard, vigário geral, manda uma carta para o Padre Rebod, em que o Padre Champagnat é ameaçado de interdição. O pároco, muito embaraçado, não ousa informar seu coadjutor a respeito da carta e pede conselho ⁵² para saber como responder àquela carta. Em sua carta, o Padre Bochard declara-se informado de reuniões ilegítimas ⁵³ organizadas pelo Padre Champagnat. É por essa razão que ele é ameaçado de interdição. ⁵⁴ O Padre Champagnat rezava sem parar: “Meu Deus, fazei com que esta obra dos Irmãos seja destruída se ela não vier de vós”...

47 A expressão “Na época” não está vinculada à história do Irmão Jean-Marie, mas à narrativa que termina no § 11. Voltamos, então, ao ano de 1819.

48 É normal que seja o pároco, superior hierárquico de Champagnat, quem recebe a carta.

49 Detalhe interessante sobre a complexidade dos relacionamentos entre Champagnat e seu pároco. Mas a carta coloca também em causa o Padre Rebod, que não preveniu as autoridades eclesiais.

50 É pouco provável que esse ataque venha da própria paróquia. As “reuniões ilegítimas” a comunidade de Champagnat mas talvez também os catecismos dados nas aldeias e que podem passar por reuniões perigosas. A ameaça de interdição é certamente condicional. Ela poderá ser declarada pelo tribunal se as acusações, depois de investigação, forem comprovadas como verdadeiras.

51 Testemunho precioso, provavelmente dado pelo próprio Champagnat, sobre sua espiritualidade e sobre o fato de que ele ainda tem dúvidas sobre o fundamento de sua obra.

52 Sem dúvida, ao próprio Champagnat e a outros.

53 Qualquer reunião com mais de 20 pessoas cai sob o domínio da lei. Por outro lado, é um período de forte tensão política e Champagnat é talvez acusado de reunir jovens, rapazes e moças.

54 A repetição da ideia de interdição sugere que há dois testemunhos.

[17] A coleta grande⁵⁵ não vendida é distribuída... pobres são alimentados, vestidos, instruídos... tudo gratuitamente — pobres procurados.⁵⁶ — “A carta do Padre Bochard... longe de me preocupar, me provoca prazer. Se fossem irmãs, seria Delicado.⁵⁷ Fui caluniado pelo vigário geral... Desde que li, sinto uma insistência maior do nunca⁵⁸... vou me dirigir ao Padre Bochard.”

[17] O Padre Champagnat ainda é acusado de ter vendido o produto de uma coleta, quando ela serviu para alimentar, vestir e instruir gratuitamente as crianças pobres acolhidas por ele.⁵⁹

O Padre Champagnat reage com sangue frio: “Longe de me preocupar, esta carta me dá prazer⁶⁰. Se eu tivesse tido reuniões com moças (melhor com moças e rapazes) o assunto seria delicado⁶¹. Na verdade, sou caluniado pelo vigário geral.”⁶²

“Desde que li essa carta, sinto mais do que nunca uma insistência (para continuar esta obra). Vou falar com o Padre Bochard para me justificar.”

55 O adjetivo “grande” parece estranho. O participio passado “realizada” seria mais adequado. Será que há um erro na leitura do original?

56 Outra acusação: desvio de dinheiro.

57 Champagnat não teve reuniões com moças.

58 Novo testemunho de Champagnat sobre seu estado de alma: essa acusação o anima a prosseguir com sua obra.

59 Esta segunda acusação não está provavelmente na carta. É um boato local de que Champagnat se justifica facilmente.

60 Ela lhe permite tornar conhecido das autoridades um projeto até então desconhecido delas.

61 Justamente, Champagnat persegue os bailes clandestinos na paróquia porque eles são ilegais e tidos como perigosos para a moral.

62 Não parece que essa calúnia venha do pároco Rebod, mas antes de leigos notáveis ou eclesiásticos de Saint-Chamond.

[18] Era Páscoa, eu não podia sair.⁶³ — Padre Journoux⁶⁴ escreve: “O comitê assistencial encarregado das escolas, obras, leigos admitidos,⁶⁵ reuniu-se e concluiu que seria denunciado⁶⁶ à universidade, não... mas ao arcebispado...⁶⁷ — queime(m) minha carta”.⁶⁸

[19] O Padre Cathelin, superior de Saint-Chamond, julgava que ele queria fazer fracassar seu novo colégio⁶⁹... O Padre Champagnat ensinava, é verdade, um pouco de latim a alguns: ele abandona essa parte...

[18] Como era o tempo pascal, o Padre Champagnat não podia deixar sua paróquia. Padre Journoux lhe escreveu que o comitê cantonal de caridade encarregado de supervisionar escolas e obras educacionais havia se reunido. Ele é integrado por eclesiásticos e por leigos. Ele decidiu denunciar o Padre Champagnat, não à universidade, mas ao arcebispado. O Padre Journoux pede ao Padre Champagnat que queime sua carta.

[19] Padre Cathelin, superior do colégio de Saint-Chamond, acreditava que o Padre Champagnat mantinha de fato um colégio clandestino que concorria de modo desleal com sua nova escola. Padre Champagnat, que efetivamente ensinava um pouco de latim a alguns alunos, abandona essa atividade.

63 Esta frase continua o parágrafo anterior. Nesse caso, a carta de Bochart teria chegado na Páscoa de 1819. A carta de Journoux, que traz uma segunda acusação, é certamente posterior. Mas a tradição marista tende a juntar as duas. Entretanto, podemos nos interrogar se a carta de Bochart já não é uma consequência de uma denúncia desse mesmo comitê.

64 Vide anotação biográfica em OM4 pp 305-306. Ordenado padre em 27 de julho de 1817, ele se torna coadjutor de Notre-Dame de Saint-Chamond em 1º de janeiro de 1818. Está, portanto, em condições de conhecer as ameaças que pesam sobre a obra de Champagnat em 1818-1820.

65 É uma instituição civil que responde à universidade.

66 Um erro de redação: “que (Champagnat) seria denunciado”.

67 Essa carta de Journoux certamente faz alusão a um segundo ataque, mesmo sendo possível que ela tenha surgido do mesmo lugar que a primeira. Não se trata mais de interditar o Padre Champagnat mas apenas de deslocá-lo. Como o Padre Bochart, na diocese, está encarregado dos estabelecimentos de ensino, é a ele que chegam os dois ataques sucessivos provenientes do meio eclesiástico de Saint-Chamond, do qual o Padre Dervieux parece ser a alma. Daí, as denúncias se dirigirem ao arcebispado e não à universidade.

68 Essa recomendação mostra que as elites eclesiásticas de Saint-Chamond são muito hostis ao Padre Champagnat. Journoux teme, portanto, sanções caso sua carta seja descoberta.

69 Os colégios devem pagar uma taxa à universidade para ter o direito de ensinar o latim.

[20] A carta do Padre Journoux preocupa: os Irmãos são reunidos, informados de tudo para a partida, superior nomeado entre os Irmãos, Jean Marie⁷⁰. O pároco de Saint-Pierre, o Padre Rebod, tudo conspirava contra...⁷¹

[21] Ele escreve para o Padre Courbon seguindo o conselho dos Padres Journoux e Durbise. — Um caso de consciência é usado como pretexto: “desde que parece que a Providência... era preciso ir ao extremo do Bugey”⁷²... Quer pôr sua casa à venda, inconveniente, Páscoa, conflito, reclamações. — “Escrever sobre isso para o Padre Bochart”, responde o Padre Courbon.⁷³

[20] A carta do Padre Journoux preocupa o Padre Champagnat, que reúne os Irmãos para prepará-los para sair de Lavalla. Estes elegem o Irmão Jean-Marie como diretor. O pároco de Saint Pierre (Padre Derieux), o Padre Rebod... todo mundo conspirava contra a obra de Champagnat.

[21] Aconselhado pelos Padres Journoux e Durbise⁷⁴, Champagnat escreve ao Padre Courbon, vigário geral encarregado das colocações eclesiásticas, para sondar suas intenções sobre a mudança de posto de Marcelino Champagnat. Coloca como pretexto o caso de consciência que sua mudança provoca nele. Uma vez que parece que a Providência o destina ao apostolado em outro local, talvez até num ponto extremo da diocese, no extremo do Bugey, ele quer colocar a casa à venda. Mas essa operação traz consigo uma série de inconvenientes: é tempo pascal (falta tempo para tratar desse negócio); e isso pode provocar na paróquia conflitos e reclamações...

O Padre Courbon lhe responde para se dirigir ao Padre Bochart, encarregado dos estabelecimentos de ensino da diocese.⁷⁵

70 De fato, é em setembro de 1819 que o Irmão Jean-Marie é eleito, mas como diretor, e não como superior. Entretanto, não parece que essa eleição tenha ocorrido num ambiente tão dramático. O período da grande inquietação parece situar-se não antes de 1820.

71 É o ataque mais sério contra a obra de Champagnat. Chegando logo após a acusação de reuniões ilegítimas, ele se confunde com o que se encontra no relato do Irmão Jean-Baptiste. Notamos também que entra em ação a rede de amigos de Champagnat: Journoux e Durbise, dois antigos colegas de seminário. É o momento em que Champagnat e os Irmãos ficam de prontidão para deixar Lavalla.

72 No extremo de Bugey: um local considerado pelos padres da diocese como um exílio.

73 Champagnat quer fazer uma sondagem nas intenções do arcebispado a seu respeito. Ele se dirige ao Padre Courbon que é encarregado das colocações dos padres e não se entende bem com o Padre Bochart. O Padre Courbon mantém a prudência: a transferência de Champagnat não está na ordem do dia, mas quem decide é o Padre Bochart.

74 Coadjutor na paróquia Notre-Dame de Saint-Chamond entre 1º de janeiro de 1816 e setembro de 1823. Depois passa a ser pároco de Saint-Martin-en-Coallieux, território em que será construída l'Hermitage em 1824. OM4 p. 747...

75 É o sinal de que sua transferência não está na ordem do dia.

[22] O Padre Champagnat já havia escrito para o Padre Bochart e lhe prometera ir até ele para dar explicações pessoalmente.⁷⁶ Antes dessa viagem,⁷⁷ ele vai até o Padre Dervieux: — “Ah! Que bom que você veio, nós nos preocupamos com você...” — “Vim para... você sabe”. — “Não sei de nada. Nenhum conselho a...” A consulta era sobre a casa que ia ser posta à venda... — “Ah! Eu me surpreendo que o Padre Courbon tenha escrito para você a fim de falar só disso”.

[22] Padre Champagnat já havia escrito ao Padre Bochart prometendo-lhe ir até ele para uma explicação de viva voz.

Antes dessa viagem, ele visita Padre Dervieux que lhe faz ameaças: “Ah! Afinal, você aqui! Nós nos preocupamos com você...” Padre Champagnat lhe diz que está lá para tratar do projeto da venda de sua casa, o que o Padre Dervieux ignora, uma vez que não havia recebido nenhuma carta do Padre Courbon. Ele se recusa a lhe dar conselhos sobre o negócio da venda. Como ele pensava que o assunto da transferência de Marcelino Champagnat estava decidido, ele expressa sua surpresa: “Ah! Estou surpreso de que Padre Courbon lhe tenha escrito apenas isso”⁷⁸, quer dizer, sem dúvida, um convite para tratar do assunto com Padre Bochart.

76 Champagnat deve ter escrito para Bochart pouco após a Páscoa de 1819 após o primeiro ataque. Sua correspondência sem dúvida foi acompanhada de uma carta do pároco Rebod. Aparentemente uma resposta favorável de Bochart permitiu concluir que uma visita seria desnecessária. A acusação de manter reuniões ilegítimas tinha fracassado. Mas é lógico que o Padre Champagnat, acusado de manter um colégio clandestino, tenha escrito não apenas para o Padre Courbon, mas também ao Padre Bochart para justificar-se e lhe solicitar uma entrevista.

77 A viagem de Champagnat não visa a acusação de reuniões ilegítimas, mas a de manter um colégio clandestino. Ela poderia datar de 1821.

78 O Padre Champagnat compreende então que as autoridades diocesanas têm, sobre seu problema, um ponto de vista mais moderado que o do Padre Dervieux.

[23] “Padre Courbon, aqui estou, tudo resolvido, disponha...”⁷⁹ Se eu partir, Lavalla não sairá do lugar — dê-me 5 ou 6 semanas para ir ao seminário rever minha teologia.”⁸⁰ — “Eu não consigo mudar você.” — “Não estou pedindo uma mudança, mas se você quisesse... este seria o momento...” — “Então, voltarei para Lavalla.” — “Você se encontrou com o Padre Bochart?”⁸¹

[24] O Padre Bochart o vê entrar, pede que se sente⁸²... O Irmão Jean-Marie o segue ao lado.⁸³ — “Você tem Irmãos aqui e ali, e não me informou”.⁸⁴ — “É verdade, mas a timidez... 3 vezes a viagem para, mas nunca ousou...”⁸⁵ Promessas de vantagens após as explicações dadas.⁸⁶

[23] Champagnat encontra-se com Padre Courbon e o informa que a venda da casa está resolvida de modo a não suscitar nenhuma perturbação em Lavalla. Pede para passar cinco ou seis semanas de retiro no seminário para rever sua teologia antes de ir para sua nova paróquia.

Como Padre Courbon declara não poder mudá-lo de posto, Champagnat, então, volta para Lavalla, mesmo tudo estando pronto para sua partida. Mas Padre Courbon reitera seu conselho, já dado na carta: é preciso encontrar-se com Padre Bochart.

[24] Padre Bochart pede-lhe para se sentar. Irmão Jean-Marie o acompanha. O vigário geral acusa Padre Champagnat de ter criado uma sociedade de Irmãos que trabalham em vários lugares sem preveni-lo. Padre Champagnat destaca sua timidez: tentou ir até ele por três vezes...

No final, as explicações do Padre Champagnat satisfazem o vigário geral e este lhe promete sua proteção.

79 O Padre Champagnat conseguiu então uma audiência com o Padre Courbon para informá-lo que a questão da venda de sua casa estava resolvida e para se assegurar de suas intenções sobre uma possível transferência.

80 Os sacerdotes em falta devem passar algum tempo no seminário para se renovar no espírito de seu estado.

81 Estamos provavelmente em 1821. O Padre Courbon é claro: não haverá transferência. Uma narrativa diferente do encontro com o Padre Bochart é relatada na *Vida* cap. 11, p. 107.

82 Pedir a um inferior que se sente é um sinal de gentileza.

83 Ele está provavelmente em pé atrás do Padre Champagnat. Sua presença significa que o Padre não se considera o único representante dos Irmãos. Ele dá ao Padre Bochart a oportunidade de confirmar o que lhe diz.

84 Em carta ao Padre Bochart, o Padre Champagnat não dizia que sua sociedade tinha sucursais. É verdade que a acusação não se referia a Lavalla. O Padre Bochart poderia então pensar que sua obra era simplesmente um centro de formação de professores.

85 Essas três tentativas que não deram certo são impossíveis de serem datadas. Talvez uma delas tenha ocorrido em 1819. Em todo caso, elas revelam a confusão do Padre Champagnat que julgou por algum tempo que o Padre Bochart apoiava o Padre Dervieux, o verdadeiro organizador das maquinações.

86 Será que o Padre Bochart referiu-se à visita do inspetor Guillard em 1822, que descobriu que as escolas dos Irmãos do Loire (Saint-Sauveur, Saint Genest-Malifaux, Lavalla, Feurs, Charlieu) constituía uma rede congregacional (OM1, 75)? Nesse caso, a entrevista relatada teria ocorrido no final de 1822, quando ele ainda está em Lavalla em 1821. O Irmão Jean-Marie se explicaria mal em 1822, quando em 1821 ele ainda se encontra em Lavalla

Diversos testemunhos complementares

[25] O pároco de Chavanay⁸⁷ chega com seu sobrinho, pede Irmãos⁸⁸: — Não sem antes ter conversado sobre isso com o Padre Bochart; nada sem Bochart.” Tudo correu maravilhosamente. Chega o retiro pastoral, no qual o Padre Champagnat é acolhido pelo Padre Bochart.⁸⁹ Este tende a reunir seus Irmãos aos dele; o Padre Gardette aconselha manter distância.⁹⁰

[25] O pároco de Chavanay vai a Lavalla com o sobrinho para solicitar Irmãos ao Padre Champagnat que lhe pede que fale antes com Padre Bochart que quer ser informado de tudo o que diz respeito à sociedade.

A situação da sociedade melhora maravilhosamente.

Por ocasião do retiro pastoral, o Padre Bochart acolhe gentilmente o Padre Champagnat.

Ele quer reunir os Irmãos de Maria aos da Cruz de Jesus, cuja fundação está se iniciando pelo Padre Bochart. Padre Gardette, superior do seminário maior, aconselha Padre Champagnat a não se apressar em participar dos planos do vigário geral.

87 Padre Joseph Gauché. Vide OM4, p. 756.

88 Essa visita ocorre em 1823. A escola será fundada em 1824.

89 Vemos as consequências do acordo anterior: o Padre Bochart, como vigário geral, tornou-se superior de uma obra diocesana e o Padre Champagnat é apoiado em alto nível.

90 Querendo reunir os Irmãos do Padre Champagnat aos da Cruz de Jesus que ele está fundando, o Padre Bochart atua como bom administrador que quer uma única congregação de Irmãos na diocese. Isso não agrada de modo algum aos oponentes do Padre Bochart, entre os quais o Padre Gardette, o superior do seminário maior, que, aliás, sabe que a posição dos vigários gerais de Fesch é frágil porque os meios ultrarregalistas trabalham no sentido de conseguir que um administrador apostólico dedicado ao governo seja nomeado.

[26] O assunto não conseguiu avançar porque o Bispo De Pins chegou no Natal.⁹¹ Com a chegada dele, o Padre Champagnat escreveu duas cartas, uma para o Bispo e outra para o Padre Gardette. A primeira, geral; a segunda para que o Padre Gardette explicasse. — “Se você julgar que minha carta não merece ser lida por Sua Excelência, queime-a”. O que fez o Padre

Gardette? Ele deu a dele para o Bispo ler; ele promete em uma delas ir renovar o solene “promitto”⁹² entre suas mãos.

[27] O Bispo escreveu, mandou que viesse... quer nomeá-lo pároco em Lavalla; ele recusa devido à obra e para impedir os boatos que teriam de ser corrigidos.⁹³ O Bispo, junto com o Padre Barou, o recebe, apresenta-lhe o anel, pede mil informações. O Padre Cholleton, presente, conhecia um pouco, e dá um apoio favorável.⁹⁴

[26] Esse projeto da união das sociedades de Irmãos é anulado pelo fato de o Bispo De Pins, nomeado administrador da diocese de Lyon, chegar no Natal. Padre Champagnat escreve duas cartas: uma para Dom De Pins e outra para o Padre Gardette. A primeira é uma exposição geral sobre a Sociedade; a segunda, certamente mais curta, é destinada a acompanhar as explicações do Padre Gardette.

Padre Champagnat propõe ao Padre Gardette que queime a primeira carta se julgar que ela não é oportuna. Padre Gardette passa a segunda para leitura de Dom De Pins.

Numa dessas cartas o Padre Champagnat dispõe-se solenemente a prestar total obediência ao Bispo De Pins.

[27] O Bispo manda escrever ao Padre Champagnat que vá encontrar-se com ele. Ele quer nomeá-lo pároco de Lavalla; mas Padre Champagnat recusa porque quer consagrar-se à sua obra e evitar boatos maldosos numa paróquia em que o pároco Rebod enfrenta ataques de seus paroquianos. Dom De Pins, acompanhado pelo Padre Barou, recebe cordialmente Padre Champagnat e se informa cuidadosamente sobre sua obra. Padre Cholleton, também presente, conhece mal a obra do Padre Champagnat, mas lhe é favorável.

91 O Bispo De Pins é nomeado administrador apostólico de Lyon em 22 de dezembro de 1823 e chega em fevereiro de 1824.

92 Essa mudança provoca um problema para o Padre Champagnat, considerado como um fiel do Padre Bochart que se recusou a reconhecer a autoridade do administrador. Ele deve, então, prestar obediência à nova autoridade com o apoio de uma relação bem colocada.

93 Seria um meio de recompensar o Padre Champagnat por seu envolvimento e, ao mesmo tempo, substituir o pároco Rebod doente e atacado por pedidos reiterados de sua troca.

94 Então, o administrador recebe o Padre Champagnat, acompanhado dos dois vigários gerais. Ficam surpreendidos de ver que o Padre Cholleton, que chegou a conhecer os primeiros aspirantes maristas e que manteve contato muito próximo com o Padre J.-C. Colin, conheça mal a obra do Padre Champagnat.

[28] Havia pensado, no período do Padre Bochart, fazer um pequeno oratório,⁹⁵ dedicar-se totalmente a sua obra; — “Não, meu Deus! Eu seria feliz demais!” Ele realizou mais que isso e não estava feliz.⁹⁶

[28] Marcelino Champagnat havia pensado, no tempo do Padre Bochart, em fazer um pequeno oratório a fim de consagrar-se totalmente à sua obra. “Não, meu Deus! Eu ficaria muito feliz de conseguir esse resultado!”

Apesar de ter progredido além de suas esperanças, ele julga que sua obra não está completada.

Informações complementares

[29] O Padre Seyve colaborava na obra.⁹⁷

[29] Padre Seyve, aspirante marista, colaborava na obra.

[30] Hábito: Irmãos de um lugar⁹⁸ Teriam um casaco azul, fechado. As tomadas de hábito eram feitas na casa; o pároco ia “vigiar”; voto de castidade, consultado com o confessor, mas não da casa.⁹⁹

[30] Hábito: Os Irmãos se vestiam com um casaco azul fechado.

As tomadas de hábito aconteciam na casa.

O pároco ia “vigiar” o que se passava na casa dos Irmãos.

Quanto ao voto de castidade, o confessor consultado não era da casa. (ou então os Irmãos podiam recorrer a um confessor extraordinário no que se refere ao voto de castidade.)

95 No sentido de atividade apostólica, segundo o modelo inaugurado por Felipe Néri no século XVI.

96 Reflexão provavelmente feita pelo Padre Bourdin e fazendo o papel de uma espécie de conclusão que revela uma autêntica admiração. Há principalmente a expressão “pequeno oratório” que dá a entender que o Padre Champagnat até aquele momento não tinha visado um ramo da Sociedade de Maria, mas apenas um “oratório”. O “não feliz” é provavelmente também uma alusão ao estado de espírito do Padre Champagnat nos anos 1830, confrontado com a criação da obra dos padres.

97 Vide anotação biográfica em OM4, p. 364. Em outubro de 1823 ele vai ajudar Marcelino Champagnat.

Como ele se compromete com um grupo que faz oposição ao pároco Robod, o Padre Champagnat se desentende com ele e o arcebispo para uma nomeia para uma paróquia afastada, em Burdignes, em 5 de maio de 1824

98 De que local se trata? O hábito azul parece ter sido introduzido em 1819 em Lavalla (Anais do Instituto). Em 1822, o inspetor Guillard se encontra com os Irmãos do Padre Courveille vestidos com um casaco azul “abotoado como uma batina” (OM1/75, § 16). Talvez seja a esse local que o texto de Bourdin se refere.

99 Outra informação que parece aludir à situação anterior: em Lavalla e/ou nos primeiros tempos de l’Hermitage.

Relato da construção de l’Hermitage

[31] Pede ao Bispo para comprar l’Hermitage; é autorizado. O local (descrição, vantagens do lugar para a obra dos padres...) “Oi! sua obra dos padres, como vai deixar?” perguntou o Padre Barou. — “Infelizmente, todos separados. Ah! Padre Courveille?”¹⁰⁰ — “Nós o cederíamos a você”. A gente o entrega a Rive-de-Gier¹⁰¹; ...atraso do Padre Courveille¹⁰² — depois chega o Padre Terraillon¹⁰³ — Courveille é o primeiro a chegar a Lavalla; ele havia comprado l’Hermitage em sociedade com o Padre Champagnat.¹⁰⁴ O arcebispo empresta 8000 francos.¹⁰⁵

[31] Padre Champagnat é autorizado por Dom De Pins a comprar um terreno para construir l’Hermitage. Quando ele descreve as vantagens do local para a obra dos padres, Padre Barou o interpela: “Ei! sua obra dos padres, por que você vai deixá-la?” E Champagnat responde: “Infelizmente! Estamos todos separados. Talvez Padre Courveille resolvesse?” A isso Padre Barou responde: “Nós o cederíamos a você.” O arcebispo nomeia Padre Courveille (ele estava em Rive-de-Gier). Padre Courveille chega a Lavalla com algum atraso. Em seguida, chega o Padre Terraillon. O primeiro chega a Lavalla; ele tinha adquirido l’Hermitage em sociedade com o Padre Champagnat. O arcebispo empresta 8000F para a obra.¹⁰⁶

100 O Padre Barou parece estar bem a par do projeto marista. Aparentemente é ele quem inspira as decisões do Bispo De Pins.

101 Na verdade, depois de ter sido coadjutor em Rive-de-Gier, ele foi pároco em Epercieux.

102 Ele é autorizado a ajudar Marcelino Champagnat em 12 de maio de 1824. Não sabemos em que data ele chegou a Lavalla, talvez agosto ou setembro.

103 Ele é nomeado para l’Hermitage em 25 de agosto de 1825.

104 O que está correto.

105 Pelo fato de Bourdin ser sacerdote, compreendemos que tenha sentido seu interesse na origem da obra dos padres; ele obteve de Champagnat um relato da entrevista com o Bispo De Pins.

106 Na verdade, o arcebispo não dá dinheiro mas trabalha para aceitar um presente aos Irmãos Maristas por uma pessoa de Apinac. O negócio não será concluído (Vide OM1/98 e 110).

[32] A construção de l’Hermitage: todos os Irmãos se dirigiram¹⁰⁷ para lá — a capela no bosque — todos os pedreiros assistiam à missa¹⁰⁸ — um operário caiu no rio. Uma missa em ação de graças — aproveitava tudo¹⁰⁹ — um ano depois cai doente.¹¹⁰ O Padre Courveille partiu¹¹¹ — carta do Padre Terrailon.¹¹²

[33] O Padre Courveille faz uma interferência infeliz nos negócios de Saint-Symphorien¹¹³.

[32] Todos os Irmãos participam na construção de l’Hermitage. A capela está no bosque. Todos os pedreiros assistiram à missa de ação de graças porque um operário que caíra no rio não sofreu nada. O Padre Champagnat aproveitava de todas as circunstâncias para a educação religiosa. Um ano depois ele cai doente. Padre Courveille se retira. Padre Terrailon lhe manda uma carta sugerindo que não volte à Trapa de Aiguebelle.

[33] Padre Courveille interfere erradamente nos assuntos referentes à fundação de Charlieu (e não de Saint-Symphorien). Como a escola não estava pronta quando ele chegou, ele queria retornar com os Irmãos. O Padre Champagnat vai com um Irmão até Charlieu para regularizar a situação da escola.¹¹⁴

Notas complementares

[34] Regra — registro dos votos, mudança de hábito.¹¹⁵

[34] Aprimoramento da regra. Criação de um registro de votos (em 1826?); mudança do hábito religioso: do casaco azul para a batina preta.

107 Quantos Irmãos em Lavalla? Há certamente também os Irmãos das escolas.

108 Por ocasião da missa de ação de graças pelo operário que caiu sem se machucar.

109 Difícil interpretação. Talvez Champagnat aproveitasse de todas as circunstâncias para formar religiosamente os Irmãos e os operários.

110 Em dezembro de 1825.

111 Em maio de 1826.

112 O Padre Terrailon na realidade escreve para o Padre Courveille ficar em Aiguebelle porque lá ele se sente bem.

113 Saint-Symphorien foi fundada em 1823 e Charlieu em 1824. São as duas primeiras escolas situadas a norte de Lavalla. A segunda a uma centena de quilômetros de l’Hermitage, foi uma imposição da diocese que quis derrotar Grizard, um fiel de Bochart. O Padre Courveille projeta criar lá também um noviciado de Irmãos e uma casa missionária como a de l’Hermitage. Aparentemente nada disso se refere aos assuntos de Saint-Symphorien que foram mal resolvidos, mas a Charlieu. Vide OM1/120.

114 Na *Vie* o Irmão Jean-Baptiste fala dessa viagem a Charlieu mas sem dizer que um dos Irmãos faz companhia ao Padre Champagnat.

115 Provavelmente em 1826.

[35] Aquele jovem mau elemento... crucifixo jogado a seus pés expulso; crianças: ideia apagada de sua lembrança.¹¹⁶

[36] O Padre Rouchon vem vê-los com os seus; eles visitam sua residência... — a elegância deles só aumenta.¹¹⁷

[35] O assunto do jovem escandaloso: Champagnat joga um crucifixo a seus pés e o expulsa. Champagnat pensa que essa punição conseguirá apagar aquele fato da mente dos Irmãos.

[36] Padre Rouchon vai a Lavalla ver Padre Champagnat e sua comunidade; eles visitam sua casa. A elegância deles desperta a desconfiança dos Irmãos.

116 Fato narrado na *Vida* 2ª parte, cap. XIII, pp. 384-385. Está datado no período da construção de l'Hermitage.

117 Essa visita ocorreu em maio de 1822 (*Vida* cap. XV, p. 152-153.)

Conclusão

Mesmo escrevendo por volta de 1830, o Padre Bourdin interrompe sua narrativa lá pelo ano 1826, porque ele está bastante bem informado da história que se segue ou mais provavelmente porque ele pretende tratar exclusivamente das origens da obra. Temos dificuldade em compreender, entretanto, que o período crucial da partida de Terrailon e de Courveille e da doença de Champagnat seja também muito pouco documentada. Parece ter havido uma recusa de Champagnat em dar detalhes ou uma decisão de Bourdin de não interrogá-lo sobre um momento que ele deve ter percebido como particularmente delicado e dizia respeito a pessoas sempre ligadas à obra. A atitude dos Irmãos parece ter sido a mesma e aliás poucos dentre eles deviam conhecer os pontos ocultos desses assuntos. Em todo caso, a narrativa de Bourdin oferece uma visão das origens de l'Hermitage bem diferente em vários pontos da que será narrada pelo Irmão Jean-Baptiste, muito mais livre para tratar dos fatos que já eram tidos como antigos. Em particular, ele mostra toda a importância do Irmão Jean-Marie Granjon na história das origens e minimiza o papel do Padre Courveille.



Figura 3 - Gravura da Casa de l'Hermitage – segunda sede do Instituto dos Irmãos Maristas.



Figura 4 - Irmão Jean-Baptiste Furet.

2. O DOCUMENTO BOURDIN E O IRMÃO JEAN-BAPTISTE

As convergências e as divergências entre eles sobre os ataques a Champagnat em 1819-21

É no capítulo 11 da *Vie* do Padre Champagnat (1856) que o Irmão Jean-Baptiste cita as “contradições e perseguições” que ele e sua obra sofreram antes da chegada do Bispo De Pins. Com o desejo de apresentar uma síntese sobre a questão, o autor preocupou-se pouco com a precisão cronológica. Sem negligenciar os ataques que vinham do pároco Rebod e do clero de Saint-Chamond, ele apresenta o vigário geral Padre Bochart como o chefe de uma conspiração. Essa interpretação corresponde sem dúvida à tradição oral dos Irmãos antigos e, ao colocá-la por escrito, o Irmão Jean-Baptiste lhe dá um caráter oficial. Mas a respeito dessas “contradições e perseguições” temos também as “Anotações de Bourdin” (OM2/748) redigidas em 1830, que têm o Padre Champagnat como informante principal e que interpretam aqueles acontecimentos de modo bem diferente.

Duas cronologias bem diferenciadas dos acontecimentos

<i>Vida</i> , 1ª parte, capítulo 11	Anotações Bourdin (OM2/754, §§ 16-28)
1 — Champagnat acusado de ambição. Ele daria falsas esperanças à juventude.	1 — Padre Bochart escreve para o Padre Rebod sobre “reuniões ilegítimas” (1819).
2 — Síntese das acusações sobre sua comunidade (uma seita de Beguines ¹¹⁸)	2 — Oração do Padre Champagnat referente a sua obra.
3 — Padre Bochart convoca Marcelino Champagnat.	3 — Acusação de desvio de coleta.
4 — Explicações de Marcelino Champagnat ao Padre Bochart.	4 — Marcelino Champagnat decide justificar-se perante o Padre Bochart.
5 — Troca de ideias entre Bochart e Champagnat sobre a natureza da sociedade que ele começou a fundar.	5 — Essa carta foi recebida no tempo pascal (1819).

118 Há uma seita jansenista com esse nome em Saint-Jean-Bonnefons.

- 6 — Conclusão da entrevista: O Padre Bo-
chard não quer várias congregações de
Irmãos.
- 7 — O Padre Bochard propõe uma fusão dos
projetos. Champagnat é reservado.
- 8 — Entrevista muito favorável com o Padre
Courbon.
- 9 — Apoio e conselhos de prudência do Pa-
dre Gardette.
- 10 — Ameaças do Padre Bochard que quer a
união com os Irmãos dele.
- 11 — Champagnat mantém-se discreto
diante dos Irmãos sobre a gravidade da si-
tuação.
- 12 — Ameaças do Padre Bochard (outro tex-
to sobre o mesmo assunto do número 10).
- 13 — O Padre Dervieux, agente do Padre
Bochard, humilha Marcelino Champagnat.
- 14 — Investida odiosa do Padre Rebod.
- 15 — O confessor de Marcelino Champag-
nat o abandona.
- 16 — Champagnat e sua comunidade pen-
sam em ter de emigrar.
- 17 — Ameaças de fechamento da casa feitas
pelo Padre Dervieux.
- 6 — Um segundo ataque vindo do comitê canto-
nal (Páscoa de 1820).
- 7 — Acusação de formar um colégio clandestino.
Grande preocupação da comunidade.
- 8 — Marcelino Champagnat ameaçado de trans-
ferência. Ataques do Padre Dervieux e do páro-
co Rebod.
- 9 — Carta para o Padre Courbon a respeito da
venda da casa e perturbações que ela pode pro-
vocar na paróquia.
- 10 — O Padre Courbon responde que ele deve se
dirigir ao Padre Bochard.
- 11 — Champagnat escreveu para o Padre Bo-
chard, mas não foi vê-lo.
- 12 — Viagem a Lyon. O Padre Dervieux estranha
a fraca reação do arcebispo.
- 13 — Entrevista com o Padre Courbon. Não ha-
verá transferência de Champagnat.
- 14 — Entrevista com o Padre Bochard. Filia-
ção da obra de Champagnat à do vigário geral
(1821?).
- 15 — O Padre Bochard apoia o Padre Champag-
nat (boa acolhida no retiro). Fundação de Cha-
vanay com sua autorização.
- 16 — O Padre Gardette aconselha a prudência.

18 — Extrema preocupação em Lavalla.

19 — A chegada do Bispo De Pins como libertação das perseguições do Padre Bo-
chard e do Padre Dervieux.

17 — A chegada do Bispo De Pins bloqueia o projeto de filiação e o Padre Champagnat, por intervenção do Padre Gardette, se associa ao administrador.

Convergências e discordâncias das duas versões

Não obstante as evidentes divergências, as duas narrativas estão de acordo em vários pontos.

Primeiro, sobre a data do final do problema pela chegada do Bispo De Pins, anunciada em dezembro mas na verdade efetivada em fevereiro de 1824.

Quanto ao início, a cronologia é menos clara: as anotações de Bourdin parecem situar a primeira intervenção do Padre Bochart na Páscoa de 1819, ao passo que o Irmão Jean-Baptiste não fornece uma referência clara.

Há uma concordância sobre a identificação dos principais adversários de Champagnat:

- Padre Rebod, o pároco;
- Padre Dervieux, pároco de Saint-Pierre de Saint-Chamond;
- Padre Bochart, vigário geral.

Mas os dois autores divergem sobre o papel representado por cada um deles: para o Irmão Jean-Baptiste, é o Padre Bochart que, do começo ao fim, conduz a ofensiva, enquanto o Padre Bourdin sugere claramente que o pior adversário é o Padre Dervieux.

Quanto ao Padre Rebod, o Irmão Jean-Baptiste insiste sobre sua oposição enquanto o Padre Bourdin só se interessa por ele no início do ataque e o apresenta como um adversário de segunda linha.

O Padre Cathelin, reitor do colégio de Saint-Chamond, só é citado por Bourdin como comparsa, mas ele é sem dúvida o autor essencial da acusação de manter um colégio clandestino.

O Padre Bourdin e o Irmão Jean-Baptiste estão ainda de acordo sobre os apoios de Marcelino Champagnat: o Padre Courbon, primeiro vigário geral, encarregado das colocações dos padres, e o Padre Gardette, superior do seminário. Mas o Padre Bourdin nos apresenta um Padre Courbon bastante reservado, ainda mais que o assunto não é de sua competência direta. Sobretudo, as Anotações de Bourdin nos revelam a ajuda dada por dois coadjutores de Saint-Chamond: os Padres Journoux e Durbise.

Para o Padre Bourdin tudo começa com uma carta do Padre Bochart na Páscoa de 1819, em sequência a uma acusação de “reuniões ilegítimas” ao passo que o Irmão Jean-Baptiste relata num texto longo a entrevista Bochart-Champagnat que o Padre Bourdin só comentará bem mais tarde com falas bem diferentes, como se os dois autores estivessem seguindo duas tradições orais divergentes sobre o mesmo acontecimento¹¹⁹.

Síntese dos acontecimentos

Na minha visão, o relato do Padre Bourdin sobre esse ataque contra Marcelino Champagnat e sua obra é muito mais confiável que o do Irmão Jean-Baptiste. Ele permite uma cronologia em três etapas:

- primeiro, boatos (1819) que provocam uma intervenção do Padre Bochart que não impede Champagnat de prosseguir, mas lhe impõe provavelmente a obrigação de melhor controlar sua obra.
- Ao longo do ano de 1820, sem dúvida por ocasião da Páscoa, surge o assunto do colégio clandestino provocado pelo Padre Cathelin e assumido pelo Padre Dervieux. Como esse ataque segue de perto o primeiro, e nada mais é do que uma mudança no seu formato, a tradição oral dos Irmãos fez de ambos um único assunto. O Padre Dervieux mostra-se intratável mas a posição do comitê cantonal é mais frágil do que parece: ele não pode interferir com força sem arriscar perturbações e sem a concordância dos vigários gerais. O momento decisivo é o encontro com o Padre Bochart, provavelmente em 1821.
- Na sequência, passamos a uma fase bem diferente: tendo desesperadamente necessidade de uma autoridade protetora, Champagnat aceita a tutela do Padre Bochart que o libera por tabela das ameaças do comitê cantonal. E ele conta com a Providência para que essa tutela não se converta numa anexação

119 Naquele diálogo Champagnat lembra o estado da comunidade no final de 1819. Os Irmãos são apenas oito. Elegeram um diretor. Champagnat é seu formador e conselheiro espiritual, mas não seu superior; eles não são religiosos porque se vestem como leigos e não emitem votos.

pura e simples. A chegada do Bispo De Pins será então recebida como um sinal do céu.

Nada impede que, de 1821 até o final de 1823 — um período de mais ou menos dois anos — a obra de Lavalla funcionará com o Padre Bochard como superior diocesano, não apenas dos Irmãos de Maria, mas também de todas as comunidades de Irmãos da diocese. O Irmão Jean-Baptiste oculta fortemente esse fato e o Padre Bourdin, que cita a fundação de Chavanay nesse contexto, tem mais credibilidade. Dito isso, a autoridade do Padre Bochard sobre as congregações em gestação era mais teórica do que real.

Quando o Bispo De Pins chega, o início de uma congregação diocesana de Irmãos é tranquilo e o administrador apostólico considerará os Irmãos de Lavalla como pertença da diocese com exclusão de todas as outras. Os Irmãos da Cruz de Jesus, apenas nascente, se unirão ao Padre Bochard exilado na diocese de Belley, onde terão algum desenvolvimento; os Irmãos do Sagrado Coração de Lyon emigrarão para a Haute-Loire e os Irmãos do Padre Rouchon se dispersarão.

Muitos testemunhos afirmam que o Padre Bochard tinha um caráter difícil e praticava uma autoridade invasiva, o que nos ajuda a compreender as preocupações de Champagnat e de sua comunidade em 1819-1820. As Anotações Bourdin nos passam uma visão bem diferente dele, seguramente um superior autoritário, mas que se revelou um protetor eficiente de Marcelino Champagnat. O Bispo De Pins saberá praticar, de modo menos abrupto, uma política semelhante a dele.

De fato, a obra de Champagnat sofreu mais com a oposição do clero do cantão do que do autoritarismo do Padre Bochard. Daí proveio a dificuldade do recrutamento de novos aspirantes antes de 1822 e a criação de escolas longe do cantão (Saint-Sauveur, Bourg-Argental, Saint-Symphorien-le-Château) ou mesmo na diocese vizinha de Viviers (Vanos, Boulieu), apadrinhadas quase sempre pelas autoridades comunais mais do que pelos párocos.

Irmão André Lanfrey

JEAN-ANTOINE BOURDIN

Bourdin, Jean-Antoine (1803-1883), padre marista. Nascido em Vernaison (Rhône) no dia 16 venose ano XI (7 de março de 1803) de Jean-Pierre, proprietário, e Anne Bouillon. Estudos em Argentière, onde cursava o quarto ano em 1819-20, e onde permaneceu até o verão de 1824. Filosofia em Alix em 1824-25, com isenção do serviço militar em 9 de março de 1825¹²⁰. Entra em Saint-Irénée no outono de 1825 e faz seus três anos de teologia lá, recebendo a tonsura em 23 de julho de 1826, as ordens menores em 23 de dezembro de 1826, o subdiaconato em 9 de junho de 1827 e o diaconato em 31 de maio de 1828. Parece que é entre essas duas últimas datas, talvez por ocasião do retorno escolar no outono de 1827, que Étienne Séon se encontra com ele no seminário maior e o leva a decidir-se favoravelmente à Sociedade de Maria nascente (doc. 625, §§ 13-14 e anotações nesse documento). Terminado seu ano escolar e tendo vencido as resistências de seus pais, Bourdin entra em l’Hermitage no verão de 1828, onde ele é mencionado em 18 de dezembro de 1828 (doc. 185, § 4), dois dias antes de sua ordenação sacerdotal¹²¹. Lá ele exerce a função de diretor dos estudos para os noviços (ibidem) e assim conhece dois jovens Irmãos que falecem na casa no ano de 1829 e aos quais, no ano seguinte, ele dedica um noticiário (OM2, pp. 729 e 734-735). Nessa mesma época, o ambicioso sacerdote anuncia num prefácio promissor uma história da fundação da Sociedade de Maria, para a qual ele recolhe da boca de Marcelino Champagnat detalhes preciosos (doc. 754). Em janeiro de 1830, ele prega o retiro no seminário menor de Belley, onde é elogiado (doc. 209, §§ 1 e 4), e no mês de dezembro do mesmo ano, participa da reunião em l’Hermitage durante a qual é redigido o *Summarium regularum* dos padres do grupo de Lyon e que culmina na eleição de Marcelino Champagnat como “provincial de Lyon” (doc. 224, §§ 21-22). No início de setembro de 1831, ele participa do retiro geral dos aspirantes maristas em Belley (doc. 236, § 2) e, alguns dias depois, é oficialmente autorizado pelo arcebispado de Lyon a lecionar no seminário menor de Belley (doc. 237, 238, § 2). Ele permanece nessa casa por nove anos, até o verão de 1840, e lá sucessivamente dá aulas de humanidades (1831-1833) e de retórica (1833-1840). Ao longo dos seis anos que precedem a aprovação, ele figura entre os mais constantes dos aspirantes maristas, assinando todos os documentos relacionados ao projeto

120 AAL, reg. Seminários 1811, segunda parte.

121 Isso não quer dizer que Bourdin tenha passado esse dia em l’Hermitage; ao contrário, ele havia retornado ao seminário maior para o retiro de ordenação em 14 de dezembro.

da sociedade (doc. 240; 257; 263; 269, § 11; 236 § 3). No verão de 1833, é escolhido para acompanhar Jean-Claude Colin em Roma (doc. 281) sem dúvida como representante do grupo de Lyon, sendo Pierre-Chanel o representante do grupo de Belley. Como tal, ele assina a súplica ao Santo Padre de 26 de agosto de 1833 (doc. 284, § 7). Duas de suas cartas ao Padre Convers escritas em Roma estão conservadas (doc. 287 e 289; vide OM1, p. 625). É através dele que mais de um detalhe sobre a viagem e a audiência com o Santo Padre chegou até nós, tendo sido transmitido oralmente ao Padre Maîtrepierre (OM2, p. 689) antes que o antigo professor de retórica fornecesse como extratos de um álbum de viagem do Padre Chanel suas próprias anotações e recordações sobre a viagem¹²². Por ocasião da reunião de setembro de 1836, em que ele exerce a função de secretário (doc. 403, §§ 5, 19 e 25), ele vence algumas hesitações sobre sua vocação (OM2, p. 605, nota 1) e pronuncia seus votos na Sociedade de Maria.

Quando a Sociedade retira seus membros do colégio de Belley, ele permanece lá como único Marista sob a direção do Padre Bertrand, e este fato parece contribuir para dificultar a situação do novo vice-superior, que deve se aposentar no verão de 1838¹²³. Após a retomada do colégio pela Sociedade, Bourdin ainda fica nele por três anos, pregando sobretudo em Saint-Paul de Lyon, Saint-Christophe e Saint-Agnan¹²⁴. No verão de 1843, o Padre Colin o encarrega de fazer pesquisas preliminares para a redação de uma biografia do Padre Chanel na diocese de Belley para a qual o Padre Mayet já reunira material, mas que o superior geral deseja ver escrita pelo antigo colega e amigo do mártir¹²⁵. Em outubro de 1843, o futuro autor é transferido para a residência de Paris, da qual ele é um dos fundadores e onde deve, entre outros compromissos, redigir a biografia solicitada. O trabalho, na verdade, caminha lentamente e, no dia 15 de outubro de 1844, o Padre Colin se prontifica a levar Bourdin de volta a Lyon se isso o ajudasse a terminá-la mais rapidamente (Colin-Bourdin nessa data, arquivos Durand). O autor parece trabalhar nisso nos primeiros meses de 1845 (Colin-Bourdin, 5 de fevereiro de 1845, arquivos Durand), mas em novembro nada está pronto ainda, e o Padre Colin fixa o Natal de 1845 como prazo final¹²⁶. Efetivamente, Bourdin entrega, em fevereiro de

122 EC, p. 75. Sobre os detalhes da viagem a Roma, SH 353-355.

123 ROCHET 338, de acordo com o dossiê dos arquivos Gorini.

124 Colin-Bourdin em 25 de outubro de 1842 e 2 de março de 1843 (arquivos Durand); MAYET 5, 193-196.

125 Carta de obediência de 11 de julho de 1843 (arquivos Durand); MAYET 6, 48; BOURDIN, P. III.

126 Colin-Morcel em 15 de outubro, 19 de novembro, 31 de dezembro de 1845, e *post-scriptum* Colin-Morcel para Eymard-Morcel em 26 de novembro de 1845 (APM 451.11); Colin-Poupinel, 3 de novembro de 1845.

1846, ao superior geral uma biografia do Padre Chanel dividida em vários volumes¹²⁷. O Padre Colin pede sua análise mas julga que o início é pomposo demais e, sobretudo, percebe que as alusões a contemporâneos ainda vivos tornam a publicação da obra prematura. Então, ele a impede (MAYET 4, 428m e 429; 7, 281sm; S2, 109m). Quanto a Bourdin, continua em Paris até o verão de 1848, apesar de uma crescente repugnância para o ministério da pregação que o leva a opor-se a seu superior, o Padre Morcel, e a ver-se ameaçado de ser expulso pelo Padre Colin¹²⁸. Em 1848-49 e 1849-50, ele vai novamente para Puyata, formando os jovens Maristas na eloquência (APM, reg. dos retiros, p. 34) e, com exceção de um período em La Seyne, em 1851-52, permanece lá até o final do generalato do Padre Colin.

O Padre Favre o manda, no outono de 1854, para o colégio de Brioude, onde fica apenas um ano, depois para Paris, onde é novamente encarregado de escrever a biografia do Padre Chanel. Em setembro de 1855, esse trabalho o “mantém cativo” (Bourdin-Morcel, 17 de setembro de 1855, APM, fundo Brioude), mas dez anos mais tarde, nada estava terminado¹²⁹, tendo Bourdin contribuído para recuperar, como chefe de instituição, uma escola parisiense em dificuldade¹³⁰ e tornando-se colaborador do historiador Amédée Gabourd¹³¹. O descontentamento da Sociedade com os atrasos de uma publicação esperada fica claro numa carta do Padre Favre em 8 de setembro de 1865 (BOURDIN, pp.I-II), após uma reclamação do capítulo geral em 1866 seguida de um ultimato segundo o qual o autor deve “terminar sem prorrogação no próximo Dia de Todos os Santos sob pena de lhe serem retiradas as peças” (Atas, sessão 19, 21 de junho, p. 42). Foi em 1º de novembro de 1866 que Bourdin assinou simbolicamente seu prefácio, e em 8 de dezembro dedicou a obra ao Padre Colin (BOURDIN, pp. v e III-IV). A obra finalmente aparece em Lecoffre em 1867¹³². Nessa data, Bourdin é, desde o outono de 1865, superior da casa de Saint-Cyr-l'École, que é a casa de repouso da Sociedade. Ele a deixa no momento dos tumultos da Comuna no outono de 1870 e se refugia na casa de

127 Colin-Morcel em 29 de janeiro e 22 de fevereiro de 1846; MAYET 4, 429. Contendo 4 livros, antes da entrada do Padre Chanel na Sociedade, essa obra devia ter uma estrutura bastante diferente da que foi publicada em 1867.

128 Bourdin-Colin em 11 de dezembro de 1847; Colin-Morcel em 20 de dezembro de 1847, 20 de janeiro, primeiro e 20 de fevereiro de 1848, e uma carta sem data de fevereiro de 1848. Vide ainda Dupont-Poupinel em 20 de abril de 1848 (APM 511.122), de onde resulta que Bourdin havia pensado em exilar-se na Inglaterra depois da revolução de fevereiro de 1848.

129 Eugène Colin para Poupinel, 26 de abril de 1865 (APM OP 458.221).

130 Segundo GRENOT 1, 150. Não sabemos de que casa se trata.

131 GRENOT 1, 151. O prefácio das obras de Gabourd não menciona essa colaboração de Bourdin.

132 O contrato, assinado em 26 de agosto de 1865, previa uma tiragem de 2500 exemplares, dos quais 300 seriam entregues à Sociedade de Maria e 20 ao autor.

seu irmão em Chasselay (Rhône), onde permanece por um ano¹³³. Em outubro de 1871, ele é nomeado para Sainte-Foy, onde ocupa o quarto que até 1864 tinha sido o quarto do Padre Fundador¹³⁴. Ele permanece lá, garantindo a capelania das Irmãs Maristas, até as expulsões de 1880¹³⁵. Ele se transfere, então, para o convento citado, onde falece em 12 de dezembro de 1883. Seus arquivos são logo atentamente investigados e coletados em Sainte-Foy, depois em Chasseley, pelo Padre Poupinel, depois pelo Irmão Eubert, secretário geral dos Pequenos Irmãos de Maria, não sem decepção de ambas as partes, no que diz respeito aos documentos sobre o Padre Chanel e o Padre Champagnat que se julgava estarem em poder do historiador¹³⁶.

Fontes manuscritas

- Arquivos privados Durand em Chasselay, Rhône (OM 1, pp. 36 e 107): duas cartas do Padre Chanel para Bourdin. (I; C, doc. 37 e 53), cinco cartas do Padre Colin para Bourdin e uma carta de obediência do mesmo (1842-1845), treze cartas de Bourdin para sua família (1848-1880).

- APM : 124, sermão de retiro (cópia tardia; OM 3, pp. 13 e 489); 233.2 Morcel, cartas Colin-Morcel entre 1845 e 1848; 511.129, carta para o Padre Poupinel, 20 de setembro de 1844; fundo do colégio de Belley, Égloga alegórica (autógrafo Bourdin); fundo da residência de Paris, Souvenirs históricos do estabelecimento dos RR. PP. maristas em Paris (autógrafo Bourdin), carta para o Padre Colin em 11 de dezembro de 1847; fundo Brioude, carta para o Padre Morcel em 17 de setembro de 1855; fundo Pierre Chanel 312, críticas de sua biografia do santo.

- AFM : carta sem data para o Padre Champagnat (OM 1, p. 70), diversas notas históricas c. 1830 (OM 2, pp. 733-741).

- Arquivo Gorini, n. 150 : correspondência Lapiere 1838-1844.

- N. B. O caderno de esboços de deveres registrado em ROCHET 347 encontra-se hoje perdido.

133 Bourdin para Françoise Bourdin, em 13 de outubro e 11 de dezembro de 1871 (arquivos Durand).

134 Bourdin descreve esse quarto de um modo preciso em sua carta de 13 de outubro de 1871, referindo-se a uma fotografia identificável sem dúvida possível com a que foi reproduzida em OM3, fig.93. O quarto é exatamente o indicado por uma testemunha visual como tendo sido o do Padre Colin (Acta S.M., t. 6, 144, nota 11), e essa identificação condiz perfeitamente com os dados do Padre Poupinel segundo os quais Bourdin havia ocupado em Sainte-Foy o quarto do Padre Colin (OM3, p. 925).

135 Poupinel-Nicolet, 23 de dezembro de 1883, citado em OM3, p. 925.

136 Sobre a busca dos Padres Poupinel e Jeantin na casa das Irmãs de Sainte-Foy, vide OM3, p. 925; sobre as pesquisas em Chasselay, vide OM2, pp. 737-738.

Textos impressos de Bourdin

- Vie du vénérable P.-M.-L. Chanel, prêtre de la Société de Marie...
pelo Rev. Padre Bourdin, da mesma Sociedade, Lecoffre, Paris-Lyon, 1867, xxiv + 624
pages in-8°;
- carta para o Padre Champagnat em Circ. P.F.M. 1, 150-152;
- cartas para o Padre Convers : doc. 287 e 289;
- anotações sobre o Padre Champagnat : doc. 754.

Estudos sobre Bourdin

algumas anotações em parte extraviadas em Detours, CB 1, pp. 45-47;

ROCHET 346-348;

JEANTIN 1, 312-313;

GRENOT 1, 150-151; EC, pp. 12-17.

Iconografia : fotografia de perfil reproduzida em ROCHET 347 e neste volume, fig. 156;

fotografia facial num grupo em 1866, fig. 94.

